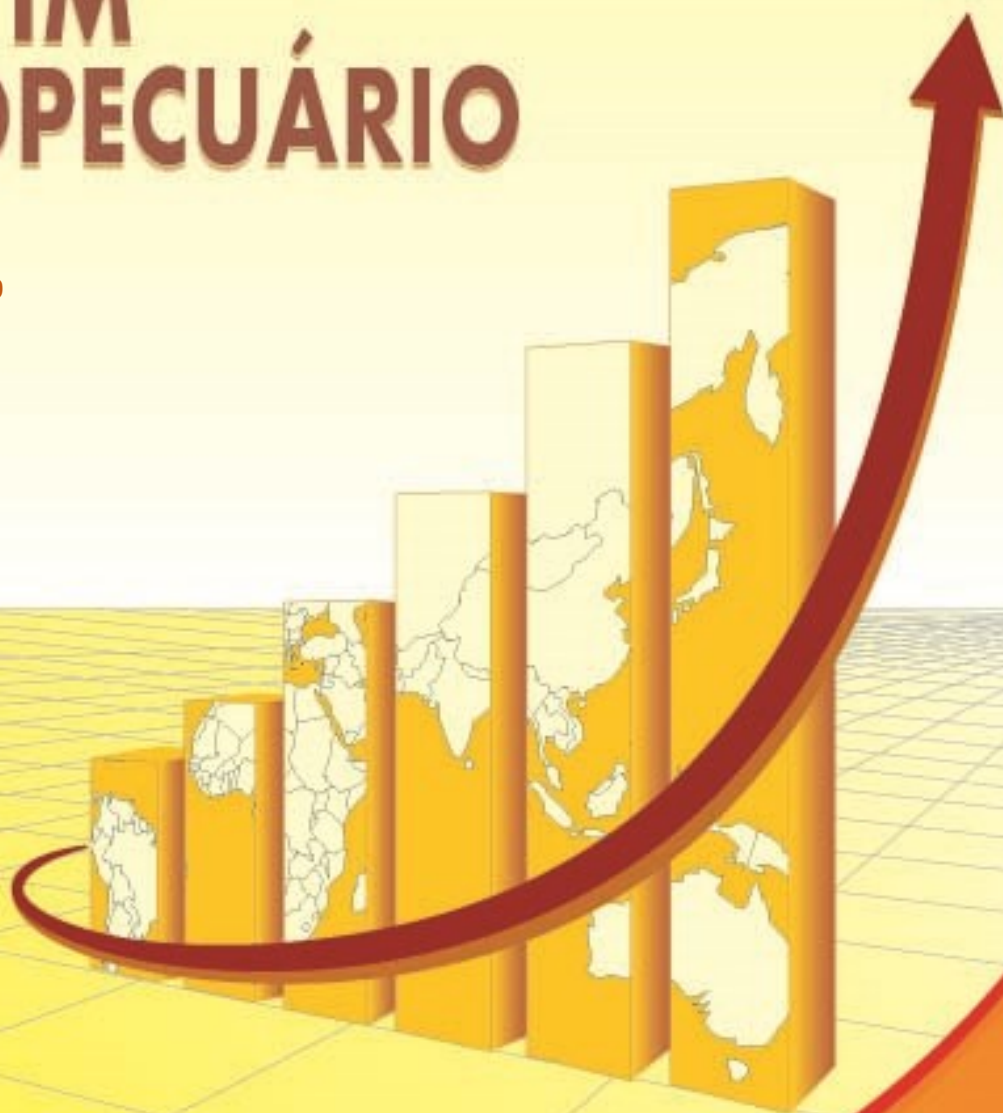


BOLETIM AGROPECUÁRIO

Março/2019 – Nº 70



Empresa de Pesquisa Agropecuária
e Extensão Rural de Santa Catarina

CEPA

Centro de Socioeconomia
e Planejamento Agrícola



**GOVERNO
DE SANTA
CATARINA**

Secretaria da Agricultura
e da Pesca



Governador do Estado
Carlos Moisés da Silva

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca
Ricardo de Gouvêa

Presidente da Epagri
Edilene Steinwandter

Diretores

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira
Administração e Finanças

Vagner Miranda Portes
Ciência, Tecnologia e Inovação

Humberto Bicca Neto
Extensão Rural e Pecuária

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Rene Dorow



Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Gláucia de Almeida Padrão
Haroldo Tavares Elias
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Luís Augusto Araújo
Rogério Goulart Júnior
Tabajara Marcondes



**Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina
Florianópolis
2019**

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Revisão técnica: Léo Teobaldo Kroth – Epagri/Cepa

Colaboração:

Andressa Mariani Bee – Caçador (UGT 10)

Bruna Parente Porto – Florianópolis (UGT 7)

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)

Dilvan Luiz Ferrari – Epagri/Cepa

Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa

Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)

Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)

Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)

Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)

João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)

Maurício E. Mafra – Ceasa/SC

Nilsa Luzzi – Jaraguá do Sul (UGT 6)

Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)

Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Edição: março de 2019 – nº 70 (on-line)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário on-line. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://www.cepa.epagri.sc.gov.br//>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Edilene Steinwandter
Presidente da Epagri

Sumário

Fruticultura	7
Banana	7
Grãos	11
Arroz	11
Feijão	14
Milho.....	17
Soja	22
Trigo.....	25
Hortaliças	28
Alho.....	28
Cebola	31
Produtos vegetais	33
Tabaco	33
Pecuária	35
Avicultura.....	35
Bovinocultura	41
Suinocultura.....	46
Leite	53

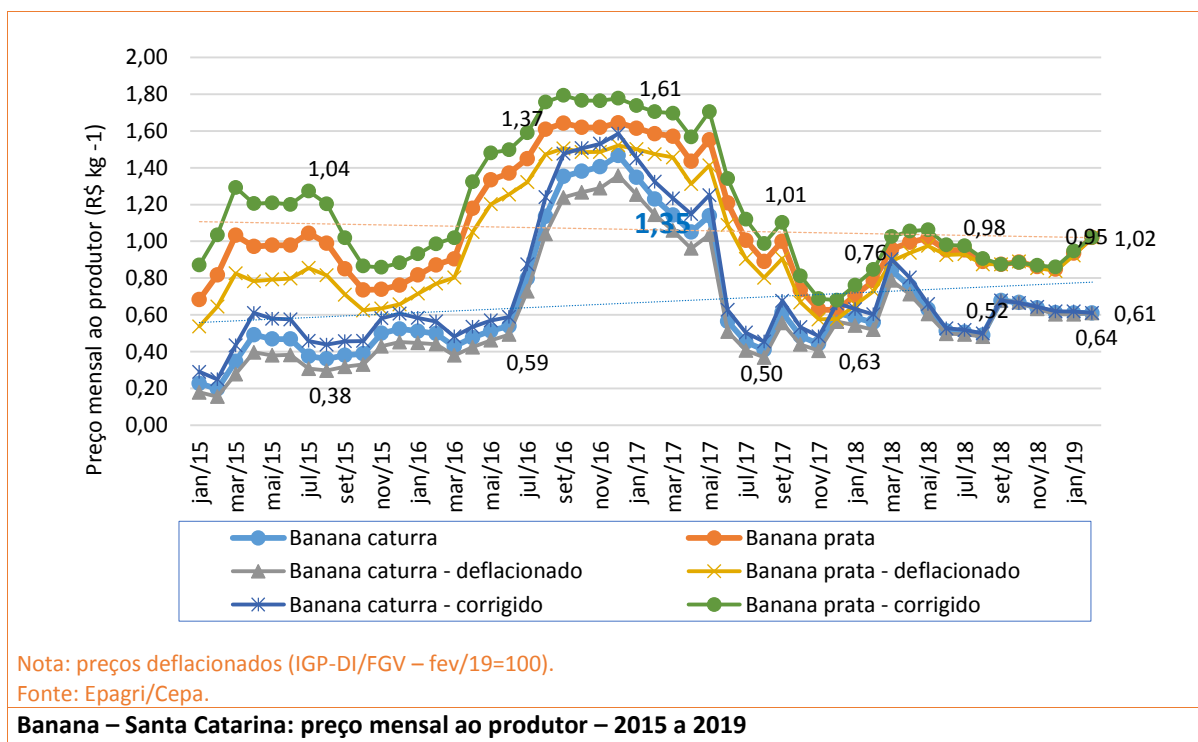
Fruticultura

Banana

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br

Em fevereiro de 2019 a cotação da banana-caturra valorizou 17,5% em relação ao mesmo mês de 2018, o que reflete o aquecimento do mercado devido a compras de instituições escolares e à melhoria na qualidade da fruta. No final de 2018, as cotações se desvalorizaram em 4,7%, entre novembro e dezembro, resultado do aumento da oferta no final do ano devido ao maior desenvolvimento das frutas ocasionado por temperaturas acima da média. A estratégia dos produtores foi reduzir o corte dos cachos para acompanhar a queda sazonal na demanda nesta época do ano, mas o calor acima do esperado, acelerou a maturação das frutas provocando a manutenção de oferta e cotações mais baixas até o final de fevereiro. Mesmo assim, no comparativo entre os preços deflacionados, as cotações do final de 2018 e início de 2019 se mantiveram acima das praticadas no último trimestre de 2017 e primeiro de 2018. A expectativa é que nos próximos meses as cotações devam ser valorizadas com o aumento da demanda pela fruta no mercado.

Com valorização de 40% entre fevereiro de 2018 e 2019, a banana-prata mantém as cotações em alta no primeiro trimestre de 2019. No final de 2018, a variedade apresentou queda sazonal nas cotações devido a redução da demanda de fim de ano, mas com estoques menores e melhor qualidade entre janeiro e fevereiro, manteve as cotações valorizadas em relação ao mesmo período de 2018.



No Norte Catarinense houve valorização dos preços devido a redução da oferta em outras regiões brasileiras e a estratégia de aumentar das exportações para escoar a produção. Maior incidência de umidade permitiu intensificar os tratamentos culturais nos bananais. A expectativa é a melhoria na qualidade, com frutas de maior calibre e menos manchas nas cascas, o que valoriza as cotações da fruta no mercado.

No Sul Catarinense, a menor oferta na região, devido aos tratos culturais nos bananais nesta época do ano, menor demanda sazonal e aumento da umidade com maior incidência de doenças fúngicas, afetando a qualidade da banana, mantiveram as cotações estabilizadas no período.

Banana – Santa Catarina: preço médio ao produtor (R\$/kg) nas principais praças – 2019

Praça	Mês				Var. (%) Fev. / Jan. 19
	Nov. 18	Dez. 18	Jan. 19	Fev. 19	
Jaraguá do Sul					
Caturra	0,37	0,38	0,39	0,40	2,6
Prata	0,57	0,57	0,68	0,79	16,2
Sul Catarinense					
Caturra	0,90	0,84	0,84	0,84	0,0
Prata	1,15	1,13	1,14	1,16	1,8

Nota: Valores em R\$ por cx. 20 a 22 kg transformados em R\$.kg⁻¹.

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban.

No atacado, a estiagem e o controle nos reservatórios das regiões irrigadas do Nordeste e Sudeste do país, mantiveram a oferta reduzida da banana-caturra no mercado nacional, o que garantiu a demanda pela fruta catarinense e a consequente valorização no preços da fruta no mercado.

Banana: Santa Catarina - Preço médio no atacado (R\$/kg) nas principais praças – 2019

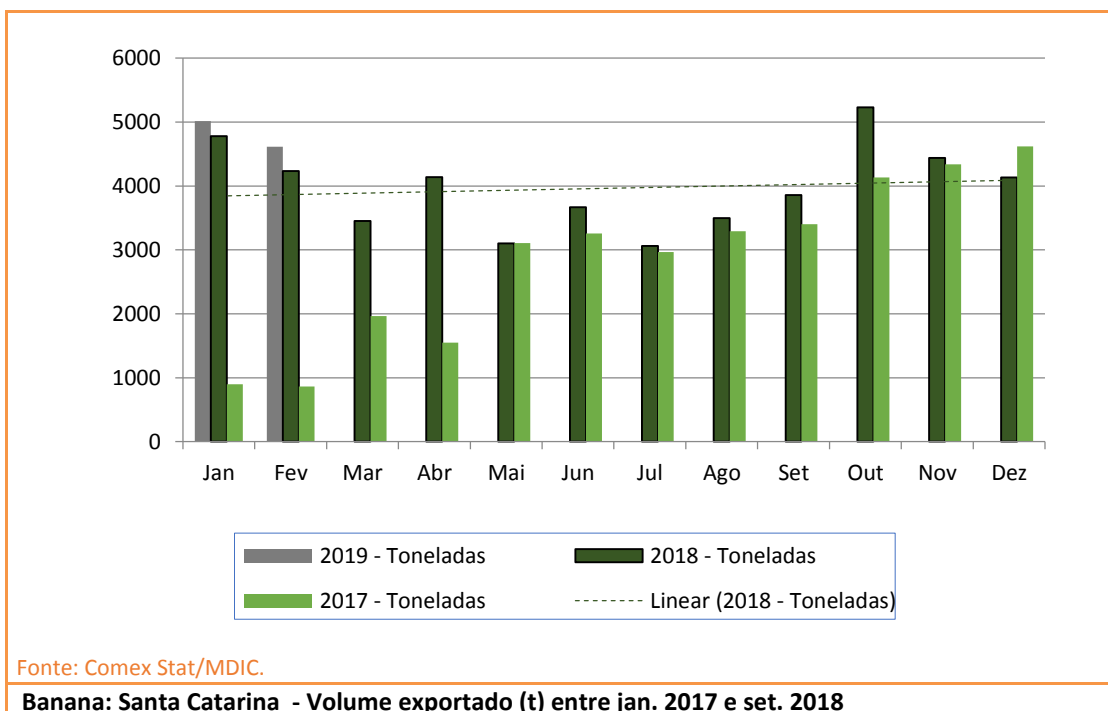
Praça	Mês				Var. (%) Fev. / Jan.
	Nov.	Dez. 18	Jan. 19	Fev.	
Florianópolis (Ceasa)					
Caturra	1,42	1,19	1,18	1,19	0,8
Prata	1,68	1,43	1,42	1,43	0,7
Jaraguá do Sul					
Caturra	1,16	0,95	0,94	0,95	1,1
Prata	1,58	1,43	1,67	1,90	13,8
Sul Catarinense					
Caturra	1,44	1,22	1,21	1,22	0,8
Prata	1,73	1,51	1,52	1,52	0,0

Nota: Valores em R\$ por cx. 18 a 20 kg transformados em R\$.kg⁻¹.

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban.

Na Ceagesp, os volumes comercializados estavam controlados, com a manutenção de cotações valorizadas para a fruta neste período de baixa demanda. A qualidade da banana-prata afetou os preços da variedade a partir de novembro de 2018, com frutas de polpa mais rígidas devido a presença de *chilling*. Mas, em fevereiro os preços começam a se valorizar com o aumento da demanda e melhoria na qualidade das frutas.

Entre janeiro e fevereiro de 2019 houve aumento de 6,8% no volume exportado de banana catarinense em relação a 2018, com 9.631 toneladas. No bimestre, o valor exportado foi de US\$ 2.265 (FOB), com redução de 5,4% no valor negociado em relação aos meses de janeiro e fevereiro do ano anterior. Em 2018 houve aumento expressivo nas exportações do primeiro semestre, resultando em aumento de 38% no volume comercializado e de 29% no valor negociado, entre 2018 e 2017. Mas, em 2019, o volume negociado catarinense tende a diminuir com a expectativa de redução da produção nacional e manutenção da produção estadual com foco no mercado interno brasileiro.



Nas regiões produtoras do Sudeste, após longo período de estiagem, afetando a oferta da fruta no mercado em qualidade e quantidade, as chuvas em fevereiro (que amenizaram os efeitos do clima com melhoria na qualidade das frutas) e as temperaturas acima da média, estão favorecendo o desenvolvimento acelerado das frutas, recuperando as cotações no mercado.

Banana – Brasil: preço médio ao produtor (R\$/kg)⁽¹⁾ nas principais praças – 2018 e 2019

Praça	Mês			Variação (%) Fev. /Jan
	Dezembro/18	Janeiro/19	Fevereiro/19	
Bom Jesus da Lapa (BA)				
Nanica	1,01	0,73	1,14	56,4
Prata	1,45	1,80	1,96	8,9
Norte de Minas Gerais (MG)				
Nanica	0,86	0,67	1,08	61,7
Prata	1,43	1,80	1,78	-1,4
Vale do Ribeira (SP)				
Nanica	1,08	0,70	1,13	60,9
Prata	1,21	1,51	1,55	2,5
Vale do São Francisco (BA e PE)				
Nanica	-	-	-	...
Prata	1,02	1,35	1,66	23,6

⁽¹⁾ Preço médio mensal em R\$.kg⁻¹.

Fonte: Epagri/Cepa adaptado de Cepea/Esalq/USP.

Banana – Santa Catarina: comparativo de 2016 em relação às estimativas de 2017 e 2018

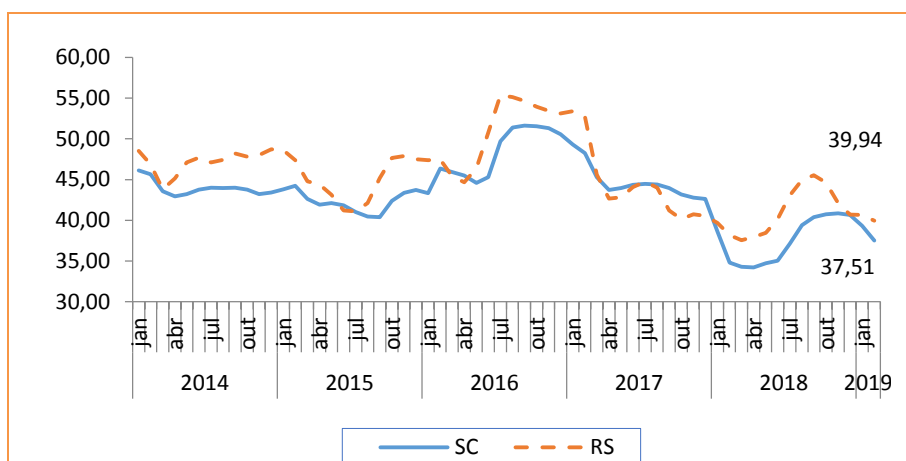
Santa Catarina - Principais MRG com cultivo de Banana	2016			Estimativa 2017			Estimativa 2018			Variação estimativa 2018/2017 (%)		
	Área plant. (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg.ha ⁻¹)	Área plant. (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg.ha ⁻¹)	Área plant. (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg.ha ⁻¹)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Blumenau	4.305	115.516	26.832	4.254	151.752	35.673	4.176	112.050	26.832	-1,8%	-26,2%	-24,8%
Itajaí	4.002	116.816	29.189	3.875	122.783	31.686	3.882	113.312	29.189	0,2%	-7,7%	-7,9%
Joinville	12.416	364.954	29.393	12.714	353.378	27.794	12.044	354.005	29.393	-5,3%	0,2%	5,8%
Araranguá	5.903	90.217	15.282	5.084	50.396	9.913	5.426	55.510	10.230	6,7%	10,1%	3,2%
Criciúma	1.594	32.715	20.530	1.339	21.232	15.856	1.346	21.734	16.150	0,5%	2,4%	1,9%
Tubarão	78	711	9.115	71	673	9.481	76	690	9.115	6,6%	2,5%	-3,9%
Outras	1.023	19.068	18.637	1.038	22.191	21.378	992	18.496	18.637	-4,4%	-16,7%	-12,8%
Total	29.321	739.997	25.238	28.375	722.404	25.459	28.442	717.797	25.238	0,2%	-0,6%	-0,9%

Fonte: Epagri/Cepa.

Grãos

Arroz

Gláucia Padrão
Economista, Dr^a. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

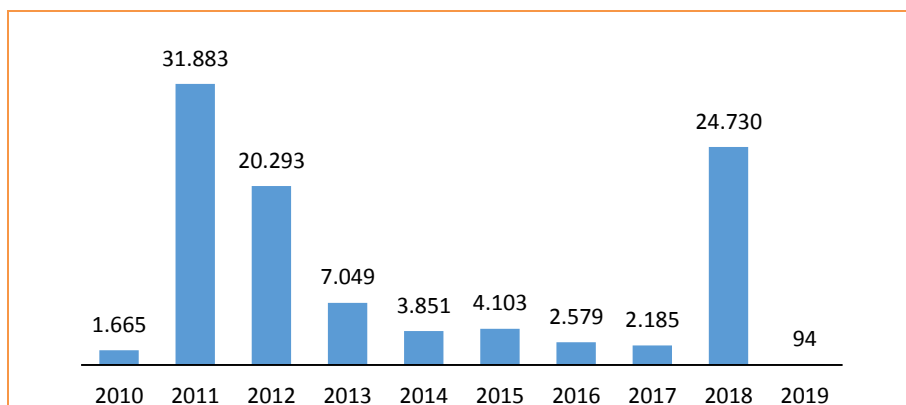


Fonte: Epagri/Cepa. e Cepea (RS).

Arroz irrigado – Evolução do preço médio real mensal ao produtor – Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Jan./2014 a Fev./2019) – R\$/sc 50kg

Os preços catarinenses de arroz em casca continuaram a decrescer em fevereiro de 2019. Essa tendência tem sido observada desde outubro de 2018, revelando nesta safra um comportamento distinto do padrão de preços do período de entressafra. Com o avanço da colheita, a expectativa é que os preços ao produtor continuem caindo e só voltem a recuperar no segundo semestre do ano. No Rio Grande do Sul, estado que exerce forte influência sobre os preços catarinenses, os preços também continuam a trajetória de queda observada desde setembro. Comparativamente ao mês de janeiro, os preços médios reduziram 4,55% e 1,8% em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, respectivamente.

Os preços catarinenses de arroz em casca continuaram a decrescer em fevereiro de 2019. Essa tendência tem sido observada desde outubro de 2018, revelando nesta safra um comportamento distinto do padrão de preços do período de entressafra. Com o avanço da colheita, a expectativa é que os preços ao produtor continuem caindo e só voltem a recuperar no segundo semestre do ano. No Rio Grande do Sul, estado que exerce forte influência sobre os preços catarinenses, os preços também continuam a trajetória de queda observada desde setembro. Comparativamente ao mês de janeiro, os preços médios reduziram 4,55% e 1,8% em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, respectivamente.



⁽¹⁾ Acumulado de Janeiro a Fevereiro de 2019.

Fonte: Comextat/MDIC

Arroz – Valor das exportações catarinenses de 2010 a 2019⁽¹⁾ - US\$ 1.000

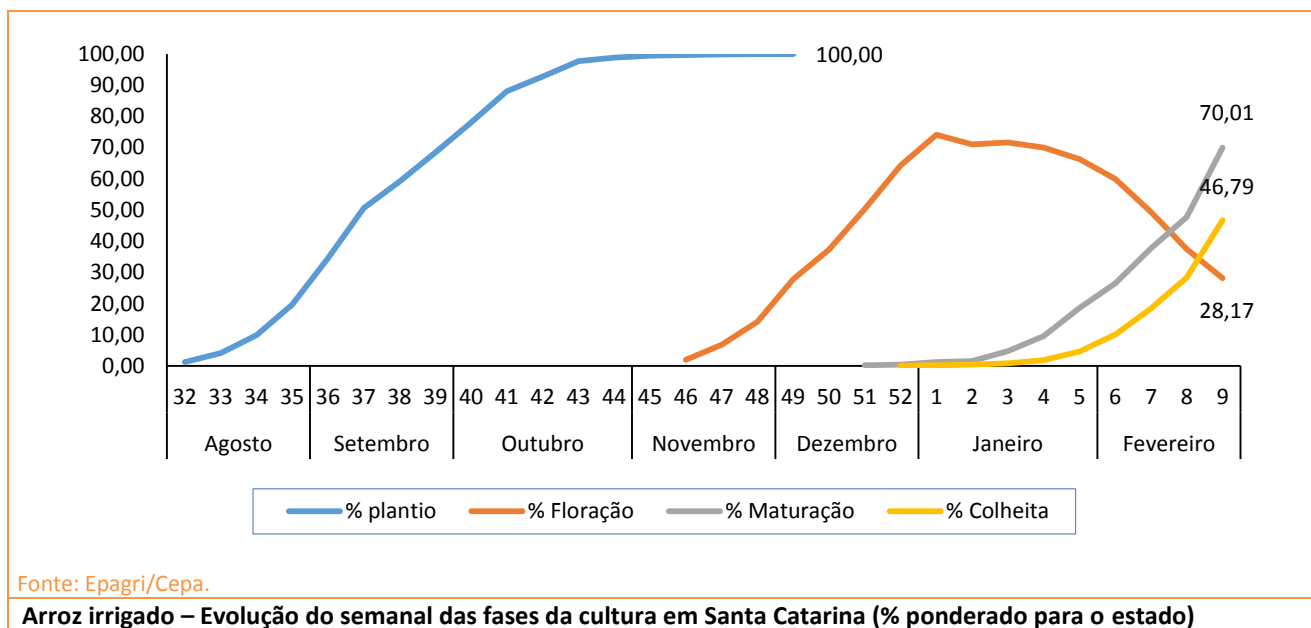
Conjuntura favorável ao mercado externo, preços internos baixos e oportunidades de negócio resultaram na exportação de 83,92 mil toneladas de arroz e derivados em 2018. Nesses dois primeiros meses de 2019, Santa Catarina exportou 183 toneladas, correspondendo a 94 mil dólares. Os principais destinos das exportações até o momento foram Namíbia e Paraguai.

Arroz Irrigado – Comparativo safra 2017/18 e safra 2018/19 – Santa Catarina

Microrregião	Safra 2017/18			Safra 2018/19 estimativa atual			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	51.530	404.001	7.840	51.530	403.949	7.839	0,00	-0,01	-0,01
Blumenau	8.356	67.345	8.059	8.222	65.851	8.009	-1,60	-2,22	-0,62
Criciúma	20.857	162.944	7.812	20.813	162.576	7.811	-0,21	-0,23	-0,01
Florianópolis	2.660	17.336	6.517	1.950	14.825	7.603	-26,69	-14,48	16,66
Itajaí	9.111	73.128	8.026	9.196	77.839	8.464	0,93	6,44	5,46
Ituporanga	277	2.475	8.935	190	1.615	8.500	-31,41	-34,75	-4,87
Joinville	19.536	164.871	8.439	18.025	149.355	8.286	-7,73	-9,41	-1,81
Rio do Sul	10.702	95.926	8.963	9.987	87.172	8.728	-6,68	-9,13	-2,62
Tabuleiro	126	1.056	8.381	120	1.020	8.500	-4,76	-3,41	1,42
Tijucas	2.690	20.300	7.546	2.490	18.860	7.574	-7,43	-7,09	0,37
Tubarão	21.094	173.214	8.212	21.082	173.085	8.210	-0,06	-0,07	-0,02
Santa Catarina	146.939	1.182.596	8.048	143.605	1.156.146	8.051	-2,27	-2,24	0,04

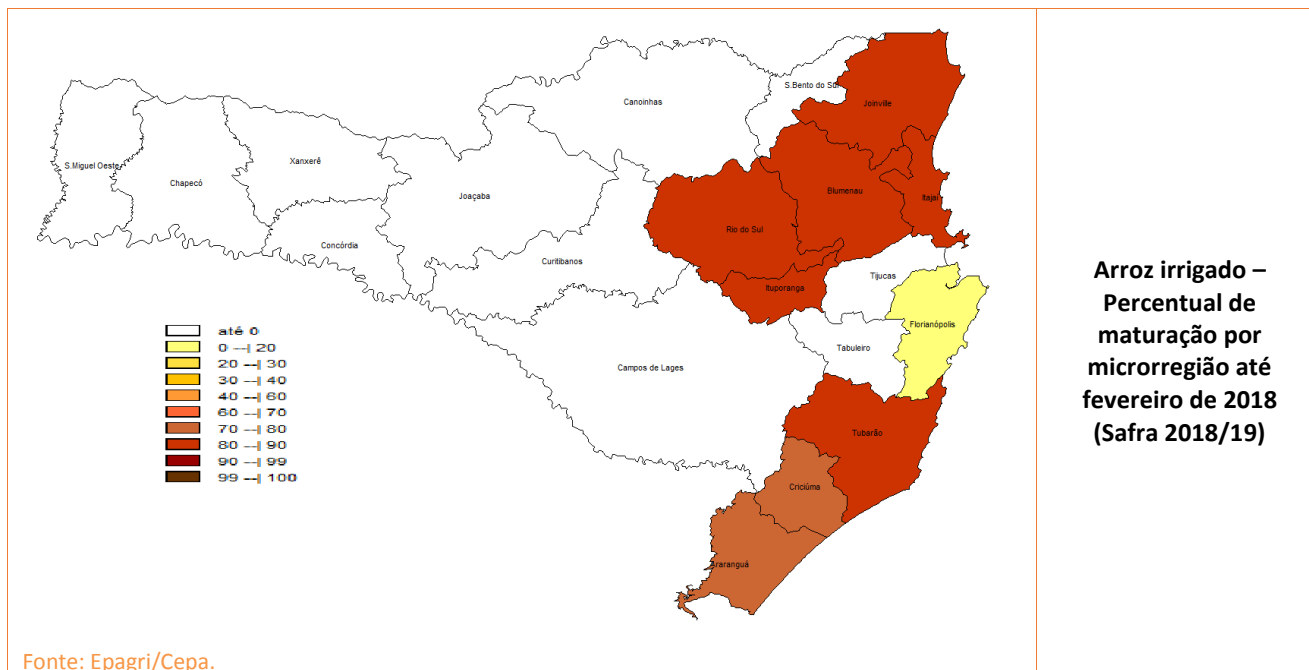
Fonte: Epagri/Cepa (Fevereiro/2018).

As estimativas atualizadas da Epagri/Cepa para a safra 2018/19 apontam para uma leve redução na área plantada de arroz irrigado em Santa Catarina. Com o avanço da colheita, estima-se produtividades inferiores às observadas nas duas últimas safras, devido a ocorrência de problemas climáticos. Até o momento, a estimativa é que a produção seja 2,24% menor em relação à safra 2017/18, alcançando 1,156 milhão de toneladas de arroz em casca, em uma área de 144 mil hectares. Da área semeada no estado, 46,79% já foi colhida até o final de fevereiro. Da área que ainda resta a ser colhida, 70% está em estágio de maturação e 28,17% em floração, o restante ainda encontra-se em desenvolvimento vegetativo. As lavouras vêm se desenvolvendo normalmente, sendo que 94% encontra-se em ótima condição. Contudo, 6% apresenta condição média ou ruim no campo devido a ocorrência de chuvas nas principais regiões produtoras em fevereiro, o que pode reduzir a produtividade média ao final da colheita.

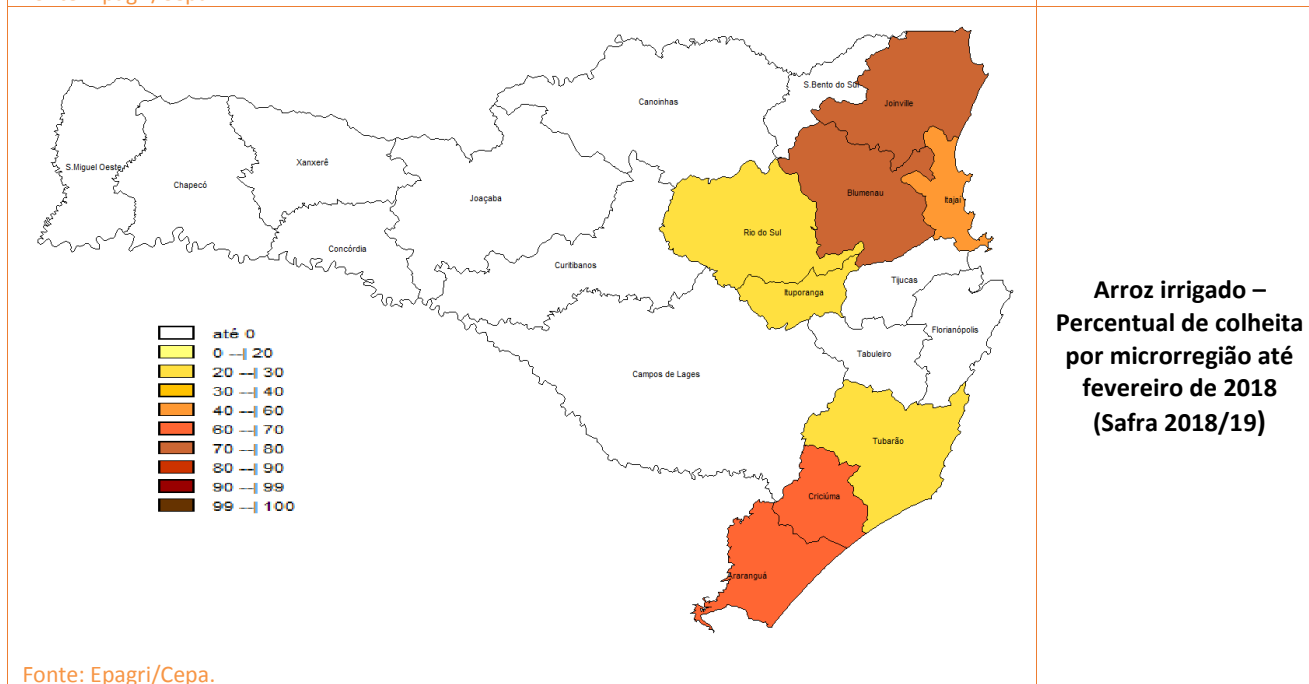


Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz irrigado – Evolução do semanal das fases da cultura em Santa Catarina (% ponderado para o estado)



Fonte: Epagri/Cepa.

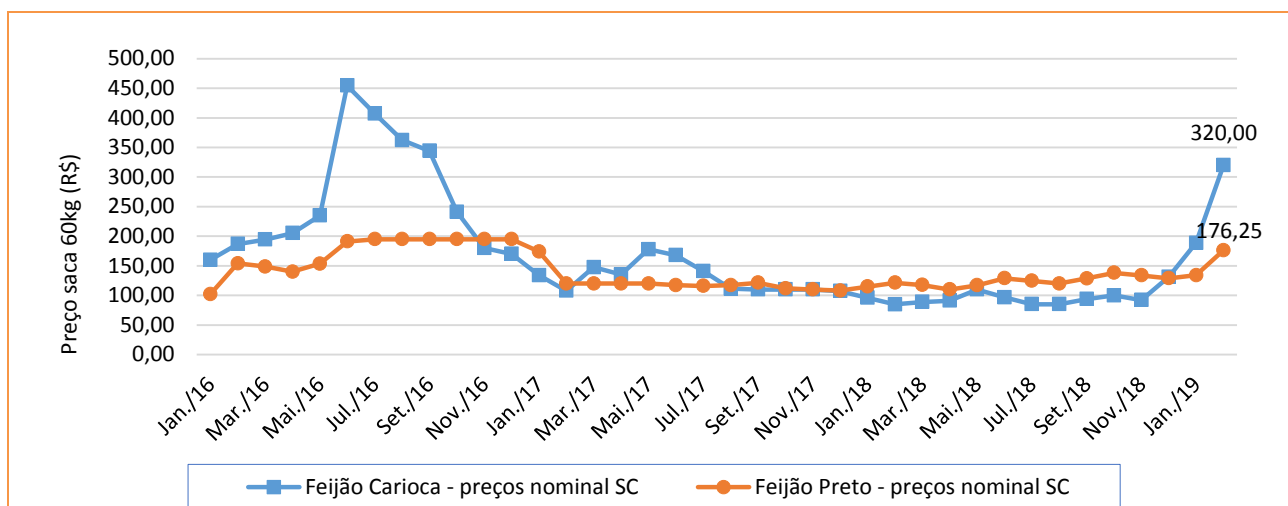


Fonte: Epagri/Cepa.

Feijão

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Em fevereiro, o feijão carioca e preto primeira safra atingiram os preços mais altos dos últimos dois anos. A tendência para o mês de março é que os preços continuem elevados. Os motivos desta alta são, principalmente, a significativa redução na área plantada e na produção da safra brasileira de feijões. Além disso, os baixos preços praticados na safra passada desestimularam muitos produtores a investir na cultura. Um exemplo disso é a microrregião de Curitibaanos, onde a redução da área plantada nesta safra em comparação à safra passada foi de mais de 3.200 hectares. Em relação à produção, a redução é ainda maior. Problemas com estiagem no plantio e excesso de chuvas na colheita comprometeram boa parte da produção e da qualidade do produto colhido.



Praça de referência: feijão-carioca – Joaçaba, feijão-preto – Canoinhas.

Fonte: Epagri/Cepa, 2019.

Feijão 1ª safra – Santa Catarina: comparativo de preços médios mensais nominais por praça de referência – jan./2016 a fev./2019

Em Santa Catarina, o preço médio da saca de 60 quilos de feijão carioca pago ao produtor, na praça de referência de Joaçaba, teve variação positiva de cerca de 70% no mês de fevereiro em comparação com janeiro. O mesmo ocorreu nos principais estados produtores, com alta de cerca de 52% no Paraná, 67% em São Paulo e 47% em Minas Gerais.

Na comparação entre janeiro de 2018 e janeiro de 2019, na maioria dos estados acompanhados a variação dos preços nominais superou 200%. Em fevereiro de 2018, os produtores da região de Joaçaba receberam em média R\$ 84,71/sc de 60kg, contra R\$ 320,00/sc de 60kg em fevereiro de 2019. Na segunda semana de março os preços seguiram em elevação. Na praça de referência Joaçaba, o preço mais comum pago aos produtores pelo feijão carioca chegou em R\$ 340,00/sc 60kg.

Para os produtores de feijão preto primeira safra, que em Santa Catarina respondem por cerca de 49% da área plantada com feijão nesta safra 2018/19, o incremento dos preços no mês de fevereiro também surpreendeu. Puxado pelos preços do feijão carioca, produtores de feijão preto tiveram um incremento no preço na ordem de 31%. Em fevereiro de 2019, os produtores receberam, em média, R\$ 176,25/sc 60kg na região de Joaçaba. Em relação há um ano, o incremento dos preços, em termos nominais, chega a 45%.

Feijão – Evolução do preço médios mensal pago ao produtor – safra 2018/19 (R\$/60kg)						
Estado	Tipo	Fev./2019	Jan./2019	Variação (%)	Fev./2018	Variação anual – fev./2019 – fev./2018 (%)
Santa Catarina	Feijão Carioca	320,00	188,64	69,64	84,71	277,76
Paraná		313,66	206,96	51,56	89,83	249,17
São Paulo		355,97	213,20	66,97	105,64	236,97
Minas Gerais		277,85	188,63	47,30	106,79	160,18
Goiás		256,98	131,29	95,73	95,39	169,40
Santa Catarina	Feijão Preto	176,25	134,09	31,44	121,43	45,15
Paraná		192,46	160,83	19,67	117,14	64,30
Rio Grande do Sul		176,00	142,40	23,60	128,59	36,87

Nota: feijão-preto SC - praça ref. Canoinhas; feijão carioca SC - praça ref. Joaçaba (Fevereiro/2019).

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS, MG, GO e SP).

No mercado atacadista de São Paulo, a Bolsa de Cereais de São Paulo (BCSP) vem registrando preços bastante favoráveis, apesar de que no último dia 11/03/19 a saca de 60kg do feijão carioca nota 9,0 foi comercializada a R\$ 360,00, enquanto no dia 11/02/19 estava a R\$ 382,50, variação negativa de cerca de 6% em 20 dias. Para o feijão preto extra, a cotação da saca de 60kg foi de R\$ 207,50 em março, contra R\$ 267,50 em fevereiro, baixa aproximadamente de 22%.

Feijão – São Paulo: preço médio diário no mercado atacadista				
Produto ⁽¹⁾	11/03/2019	11/02/2019	Variação (%)	Mercado ⁽²⁾
Feijão Carioca Extra (9,0)	360,00	382,50	-5,88	Firme
Feijão Carioca Especial (8,5)	330,00	367,50	-10,20	Firme
Feijão Carioca Comercial (8,0)	305,00	352,50	-13,48	Firme
Feijão Preto Extra	207,50	267,50	-22,43	Nominal
Feijão Preto Especial	197,50	255,00	-22,55	Nominal

⁽¹⁾ Feijão nacional, maquinado, saca 60kg, 15 dias, CIF/SP.

⁽²⁾ Comportamento do mercado em 11/03/2019.

Nota 1: firme - quando existe procura acentuada do produto.

Nota 2: nominal - preço sem variação por falta ou excesso do produto.

Fonte: Bolsa de Cereais de São Paulo, BCSP.

Em fevereiro, as estimativas de área plantada, produção e rendimento para o feijão primeira safra no estado foram atualizadas. Até o momento, já foram colhidos cerca de 22 mil hectares, que representam cerca de 60% da área plantada do estado. Nas microrregiões de Joaçaba, Curitiba e Campos de Lages, regiões onde o plantio do feijão primeira safra ocorre mais tarde, as condições edafoclimáticas e fitossanitárias das lavouras são consideradas boas. Nessas microrregiões as operações de colheita estão iniciando, com cerca de apenas 2% do total da área plantada já colhida.

Feijão 1ª safra – Santa Catarina: comparativo das safras 2017/18 e 2018/19

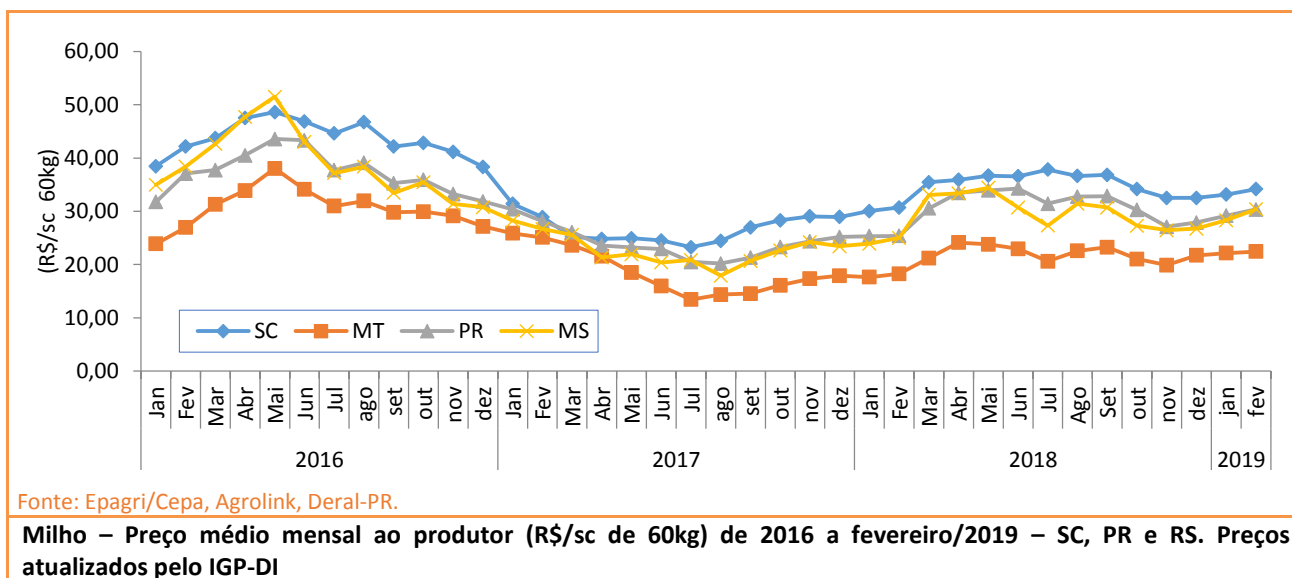
Microrregião	Safra 2017/2018			Estimativa atual safra 2018/2019			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	98	96	979	74	73	982	-24	-24	0
Blumenau	164	164	1.053	97	114	1.170	-41	-31	11
Campos de Lages	9.380	19.207	2.048	8.115	15.856	1.954	-13	-17	-5
Canoinhas	6.000	10.734	1.789	5.550	9.289	1.674	-8	-13	-6
Chapecó	2.732	5.509	2.017	2.151	4.084	1.899	-21	-26	-6
Concórdia	624	1.099	1.760	430	787	1.830	-31	-28	4
Criciúma	543	630	1.161	533	628	1.178	-2	0	1
Curitibanos	9.095	19.967	2.195	5.380	11.514	2.140	-41	-42	-2
Florianópolis	132	181	1.371	31	40	1.274	-77	-78	-7
Itajaí	7	8	1.143						
Ituporanga	1.107	2.212	1.998	980	1.741	1.777	-11	-21	-11
Joaçaba	3.783	7.085	1.873	2.417	4.034	1.669	-36	-43	-11
Joinville	14	10	714	22	16	727	57	60	2
Rio do Sul	698	1.262	1.646	602	967	1.606	-14	-23	-2
São Bento do Sul	500	798	1.595	680	966	1.421	36	21	-11
São M. do Oeste	1.482	2.754	1.746	1.214	2.176	1.793	-18	-21	3
Tabuleiro	485	544	1.122	463	736	1.590	-5	35	42
Tijucas	184	213	1.158	170	321	1.888	-8	51	63
Tubarão	1.033	1.340	1.297	973	1.305	1.342	-6	-3	3
Xanxerê	9.402	16.613	1.767	6.538	13.910	2.128	-30	-16	20
Santa Catarina	47.463	90.425	1.903	36.420	68.556	1.882	-23	-24	-1

Fonte: Sistema de acompanhamento de safras, Epagri/Cepa (Fevereiro/2019).

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Nos últimos três meses os preços do milho pagos ao produtor apresentaram movimento altista, com 3% em fevereiro. Já em relação a igual período do ano passado a alta foi de 11,3%. Nos estados do Paraná, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul a elevação, em média, foi de 4,2% em fevereiro. Importante destacar o diferencial de preços entre Santa Catarina e Mato Grosso. Neste último, o preço registrado foi de R\$ 22,45/sc. Entretanto, com o frete, em torno de R\$ 15,00 a R\$ 20,00/sc, o produto duplica de valor posto no estado. Este fato tem fomentado debates visando criar novas rotas para importação do cereal para suprimento das agroindústrias, especialmente do Paraguai. Outras ações para diminuir a dependência do milho no estado são apontadas: incentivo do cultivo de cereais de inverno para ração e elevação da produtividade, como formas de enfrentar os desafios para a cadeia produtiva da produção de proteína animal em Santa Catarina.

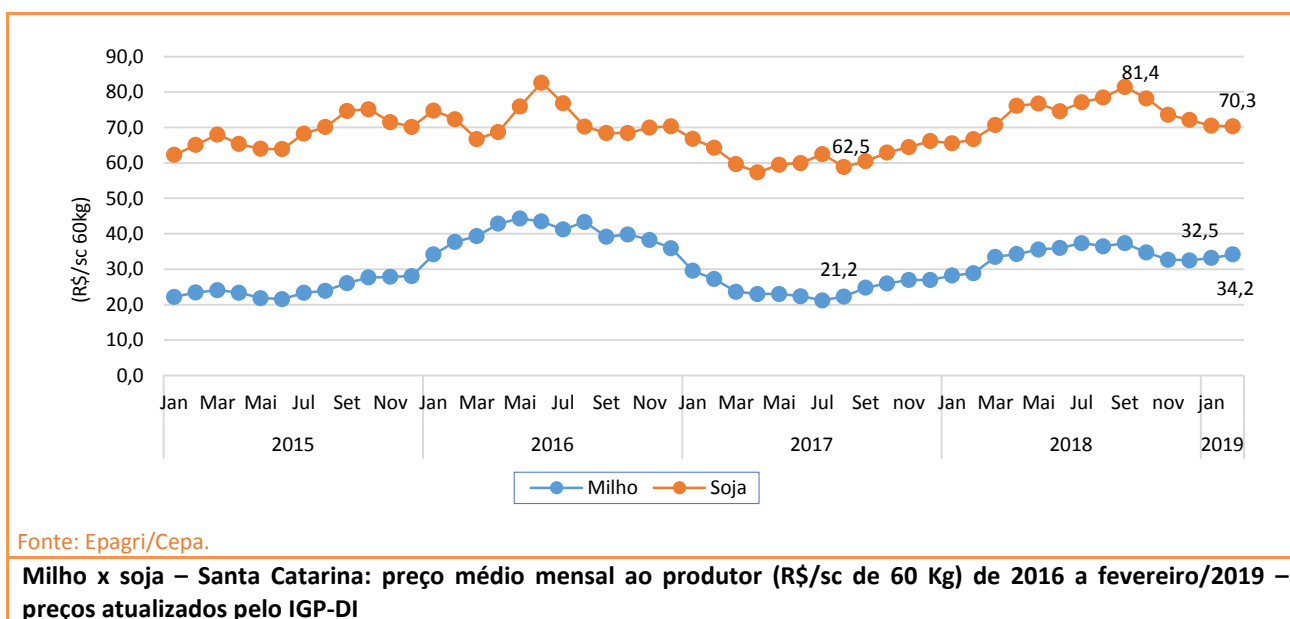


Preços milho x soja

Os preços da soja e do milho evoluíram em paralelo na maior parte do período (gráfico abaixo), ou seja, existe uma relação no comportamento dos preços destes produtos. Alguns fatores em comum influenciam seus preços, como o mercado internacional e por se constituírem, de certa maneira, em produtos concorrentes. Embora tenham características distintas, os mercados de milho e soja apresentam fatores de interação, seja de substitutibilidade na oferta, competindo principalmente pelo fator terra, seja de complementaridade na demanda, para composição de rações¹. Em alguns momentos esta trajetória diverge quanto à orientação de alta e baixa nos preços. Um destes momentos está sendo verificado nos últimos três meses: enquanto os preços do milho seguem movimento de alta, os da soja seguiram com

¹ <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/novaeconomia/article/view/1669/962>.

baixa dos preços. Fatores internos de mercado estão orientando este movimento, em especial para o milho. Quanto à soja, o mercado internacional impacta mais nos preços. A indefinição das condições climáticas para a segunda safra de milho (já estabelecida em grande parte do Brasil), a retenção do produto pelos produtores e bons volumes de exportações no início do ano tem balizado os preços do milho no último trimestre. Desta maneira, mesmo em plena colheita da primeira safra, os preços do milho se mantêm fortalecidos no período. Este comportamento é verificado desde 2015 (Gráfico abaixo), com exceção de 2017, por ocasião da maior safra da série histórica do Brasil. Com a diminuição constante da área da primeira safra cultivada no sul do Brasil, esta não mais impacta nos preços, uma vez que a segunda safra responde por 70% da produção nacional. Além disso, a produção desta safra é para atender mercado regional.



Fonte: Epagri/Cepa.

Milho x soja – Santa Catarina: preço médio mensal ao produtor (R\$/sc de 60 Kg) de 2016 a fevereiro/2019 – preços atualizados pelo IGP-DI

Panorama estadual – safra 2018/19

Primeira safra

A estimativa de fevereiro de 2019 para a safra em curso confirma a recuperação da área cultivada de milho 1ª safra em 9% em relação à safra 2017/18. Com isso, há a estimativa que o estado cultive 333.535 hectares de milho grão na primeira safra, frente aos 305.983 hectares da safra anterior. Este ganho de área se dá em função dos preços fortalecidos do cereal durante 2018. Outro fator levado em consideração pelo produtor foi a necessidade de rotação soja/milho, em função da questão fitossanitária e aspectos de conservação do solo em plantio direto. Isto fica evidente nas regiões de Curitibanos/Campos Novos, Xanxerê e Joaçaba, que apresentaram um expressivo aumento na área cultivada de milho. Também há uma expectativa de recuperação quanto ao rendimento médio (Kg/ha), atualizado na estimativa de fevereiro 2019 para 8.270kg/ha, contra 7.969kg/ha do ano anterior. Espera-se que a produção do estado fique em 2,75 milhões de toneladas na primeira safra.

Segunda safra

Com a segunda safra estimada em 16.261 hectares e produção em torno de 102.506 toneladas, a produção total deverá ser superior a 2,8 milhões de toneladas na safra atual. Esta é uma estimativa inicial, que pode ser corrigida no próximo mês, com perspectiva de elevação de área.

Milho 1ª e 2ª safras – Santa Catarina: comparativo das safras 2017/18 e 2018/19 – estimativa fev./2019

Safra	Safra 2017/18			Safra 2018/19			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod.	Rend. médio
1ª Safra	305.983	2.468.879	8.069	333.535	2.758.420	8.270	9,0	11,7	2,5
2ª Safra	16.767	103.190	6.154	16.261	102.506	6.304	-3,0	-0,7	2,4
Total	322.750	2.572.069	7.969	349.796	2.860.925	8.179	8,4	11,2	2,6

Fonte: Epagri/Cepa.

Milho 1ª Safra – Santa Catarina: comparativo entre as safras 2017/18 e 2018/19 – estimativa fev./2019

Microrregião	Safra 2017/18			Estimativa atual (fev./2019)			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	7.734	52.686	6.812	7.734	52.476	6.785	0,0	-0,4	-0,4
Blumenau	1.899	7.374	3.883	1.872	8.396	4.485	-1,4	13,9	15,5
Campos de Lages	33.080	248.812	7.522	32.860	255.994	7.790	-0,7	2,9	3,6
Canoinhas	28.800	277.180	9.624	29.300	254.163	8.674	1,7	-8,3	-9,9
Chapecó	45.523	376.571	8.272	48.291	411.293	8.517	6,1	9,2	3,0
Concórdia	22.659	164.939	7.279	24.300	175.161	7.208	7,2	6,2	-1,0
Criciúma	6.670	45.805	6.867	6.674	46.124	6.911	0,1	0,7	0,6
Curitibanos	17.360	157.872	9.094	24.335	248.747	10.222	40,2	57,6	12,4
Florianópolis	359	1.730	4.819	93	453	4.866	-74,1	-73,8	1,0
Ituporanga	9.072	62.442	6.883	11.730	84.930	7.240	29,3	36,0	5,2
Joaçaba	49.130	407.583	8.296	57.425	510.141	8.884	16,9	25,2	7,1
Joinville	390	1.544	3.959	335	1.340	4.000	-14,1	-13,2	1,0
Rio do Sul	18.525	125.648	6.783	20.165	133.310	6.611	8,9	6,1	-2,5
São Bento do Sul	4.400	35.616	8.095	4.100	31.780	7.751	-6,8	-10,8	-4,2
São Miguel do Oeste	32.685	260.872	7.981	31.616	248.919	7.873	-3,3	-4,6	-1,4
Tabuleiro	2.725	15.737	5.775	2.975	17.083	5.742	9,2	8,5	-0,6
Tijucas	480	1.774	3.696	1.735	9.629	5.550	261,5	442,8	50,2
Tubarão	5.185	31.868	6.146	5.065	31.705	6.260	-2,3	-0,5	1,8
Xanxerê	19.280	192.708	9.995	22.930	236.778	10.326	18,9	22,9	3,3
Santa Catarina	305.983	2.468.879	8.069	333.535	2.758.420	8.270	9,0	11,7	2,5

Fonte: Sistema de Acompanhamento de Safra. Epagri/Cepa.

Acompanhamento – safra 2018/19

Oeste – São Miguel do Oeste, Chapecó, Concórdia e Xanxerê: as chuvas continuaram a ocorrer pela região, porém de forma esparsa, com volumes variados entre zero a 15 mm na primeira semana de março. Colheitas ocorrem de forma normal, com área colhida nestas regiões em torno de 85%. Nas regiões mais altas da região de Xanxerê a colheita está com índice menor em função do calendário (70%). Plantios mais cedo, como no Vale do Uruguai, foram afetados por condições climáticas (estiagem em dezembro e altas temperaturas). Nestas regiões, a produtividade está em torno de 7.500 – 8.000 kg/ha. Por outro lado, em regiões com maior altitude há registros de lavouras com produtividade alcançando 12.000kg/ha a 15.000kg/ha, na região de Xanxerê/Abelardo Luz.

Curitibanos, Campos Novos e Caçador: as lavouras apresentam muito bom estado de desenvolvimento, com previsão de safra cheia e expectativa de rendimento acima de 11.000 Kg/ha. Até o momento, 15 de março, a colheita chega próximo de 10% da área cultivada.

Campos de Lages: as trabalhos de colheita devem iniciar na segunda quinzena de março. As chuvas que estão ocorrendo na região ainda não permitem trabalhos mais intensos.

Região Norte – Canoinhas, Mafra e Porto União: a estiagem nos primeiros quinze dias de dezembro afetou lavouras em floração, com previsão de redução no rendimento entre 5-10%. Até 15 de março a colheita alcança próximo de 40% da área. As lavouras apresentam boas condições em 70% da área.

Alto Vale: início de colheita, com registro de produtividade entre 6.500 - 8.400 k/ha.

Panorama no Estado

Colheita alcança 54% do total da área cultivada. Nas áreas com maior altitude os trabalhos de colheita estão iniciando. Havia expectativa de redução na produtividade em função do período de estiagem em dezembro e altas temperaturas verificadas ao longo da safra. Estes fatores climáticos não permitiram a expressão de todo potencial da tecnologia aplicada, como cultivares (genética), insumos, bem como o manejo utilizado, em especial nas regiões do Vale do Uruguai, Concórdia e regiões com plantio em setembro, cujas lavouras se encontravam em floração no momento de falta de chuvas. Contudo, na maioria das regiões o rendimento está sendo considerado normal, superior em 2,5% ao registrado na safra anterior. Registro de produtividade de 250 sacas por hectare em algumas lavouras, o que corresponde a 15 toneladas/ha, em especial em regiões com altitude superior a 800 metros, cujas condições edafoclimáticas são mais favoráveis ao desenvolvimento fisiológico das lavouras. Com estes índices de produtividade conquistados com aplicação de tecnologia/genética e manejo de solo e lavouras, é possível alcançarmos produtividade média no Estado acima de 9 toneladas/hectare nos próximos.

Climatologia² (o que se espera para época do ano)

Em março diminuem as chuvas de verão e, principalmente a partir da segunda quinzena, as frentes frias chegam com mais frequência ao Sul do Brasil, sendo responsáveis pela maior parte da chuva em Santa Catarina. Em março e abril a chuva diminui em relação aos meses anteriores. A média climática de precipitação em março varia entre 120 mm e 140 mm no Meio Oeste e no Planalto e de 160 a 200 mm nas outras regiões. Nos meses de abril e maio a média mensal de chuva fica em torno de 100 mm a 170 mm no Estado.

Balanco de oferta e demanda de milho – Brasil

Comparando as safras 2009/2010 e 2017/18, a produção nacional aumentou 44,2%, o consumo 25% e as exportações mais que duplicaram, levando o Brasil a um dos maiores exportadores do cereal no mundo. A estimativa de produção para a safra nacional 2018/19 de milho é de um volume de 91,2 milhões de toneladas, apesar de ainda não se ter uma estimativa da área plantada do milho segunda safra (Conab, jan./2019). Com a antecipação da colheita de soja no Centro Oeste, o plantio de milho está ocorrendo em período mais adequado do que na safra anterior, com melhores expectativas de rendimento para a

² http://ciram.epagri.sc.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2405&Itemid=141.

segunda safra. Em relação à exportação, em 2018 fechou em 23,5 milhões de toneladas, 30% inferior ao ano anterior. Quanto ao estoque inicial safra 2018/19, deverá ser de 14,5 milhões de toneladas, influenciando no suprimento total da safra. Diante dessa perspectiva de suprimento e início da colheita da primeira safra, que sinaliza para a colheita de 26 milhões de toneladas, acredita-se que a safra 2018/19 terá uma disponibilidade de milho relativamente confortável para abastecimento interno. Os níveis de exportações no começo do ano podem alterar este quadro, conforme já reportado neste boletim, bem como o comportamento climático para segunda safra que se inicia, que representa aproximadamente 70% do milho produzido no Brasil.

Safra nacional

Milho primeira safra: redução de 1,1% na área cultivada, especialmente em Minas Gerais e no Piauí. Produção estimada em 26,2 milhões de toneladas, com destaque para a Região Sul, com cerca de 44% desse total. Aproximadamente 29% da área nacional está colhida.

Milho segunda safra: perspectiva de acréscimo de 4,4% na área cultivada e de 23,6% na produção em comparação com 2017/18, impulsionada principalmente pelos incrementos esperados em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraná. O plantio está em 81,4% da área total (Conab, fev./2019).

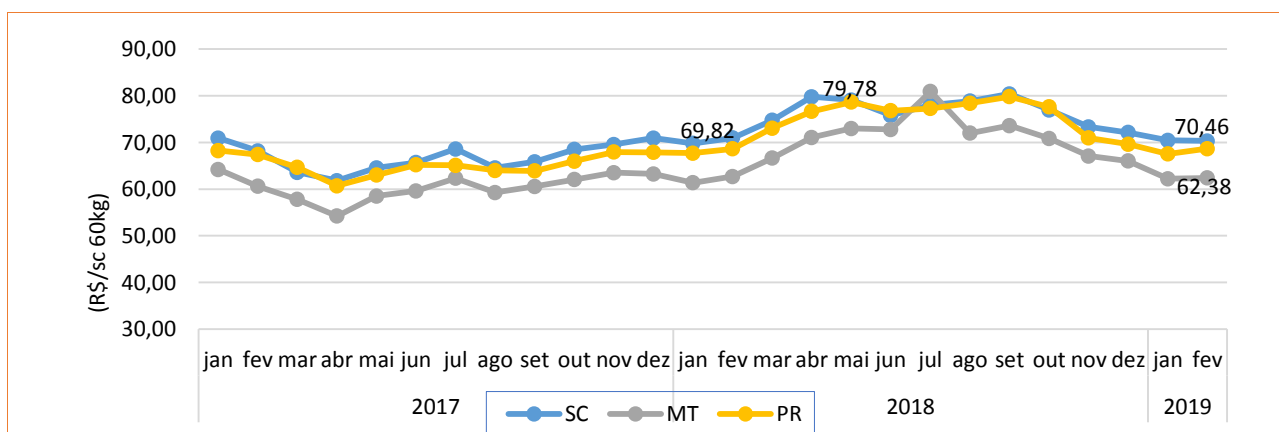
Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Em fevereiro, os preços recebidos pelos produtores em Santa Catarina registraram um pequeno recuo (-0,2%) em relação ao mês de janeiro. Já, em relação a fevereiro de 2018, a variação foi de - 0,89% . Considerando o mês de setembro de 2018, houve redução de -12,5%, sendo o quinto mês consecutivo de queda nos preços. No Paraná a variação foi positiva em 1,68%, retornando aos patamares de preços praticados em Santa Catarina.

Os fatores que influenciaram a queda dos preços nos últimos meses foram, principalmente, a relação cambial e a indefinição de acordo entre EUA e China, que pode reacquecer o mercado. Com isso, a China retoma a compra de soja dos Estados Unidos, passando a ter mais opções de compra. No entanto, o nível elevado de estoques nos EUA também constitui fator de baixa para os preços no mercado internacional. Para o mercado internacional, mais importante do que a relação comercial entre China e EUA, será a demanda da leguminosa pela China, sendo o termômetro mundial. O mercado, que indicava 110 milhões de toneladas de importação pela China (setembro 2018), agora prevê entre 81 e 84 milhões. Problemas, como peste suína naquele país tem ocasionado retração pela demanda da soja.

A Bolsa de Cereais da Argentina reporta³: “Más del 90% del área sembrada mantiene una condición de cultivo entre Normal/Buena/Excelente, permitiendo mantener la proyección de producción en 53 MTn para la campaña en curso”. Ou seja, a Argentina volta ao mercado com mais de 10 milhões de toneladas em relação a safra anterior. A continuar este cenário, os preços não serão bons este ano. Apesar destes fatores negativos, sem o acerto definitivo entre EUA e China (as compras pela China tem embarques maiores nos portos em janeiro e fevereiro), o produto brasileiro continua competitivo e com melhor qualidade. A alta dos preços registrada em alguns momentos no mercado interno no início de março está relacionada ao câmbio, fator que pode estimular as vendas e fixar preços.



Fonte: Epagri/Cepa. Deral – PR e Agrolink (MT).

Soja em grão – Paraná, Mato Grosso e Santa Catarina: preço médio nominal mensal ao produtor – ago./2016 a fev./2019

³ Bolsa de Cereales Departamento de Estimaciones Agrícolas. Panorama Agrícola Semanal. 7 de março de 2019.

Safra 2018/19

A área de soja em Santa Catarina, na safra 2017/18, foi de 684 mil hectares, com produção de 2,45 milhões de toneladas. Na safra 2018/19, a área deverá apresentar um recuo de -3,3%, com 661 mil hectares cultivados e produção estimada em 2,42 milhões de toneladas. Mesmo com diminuição da área, a produção total deverá apresentar queda irrelevante, em função da expectativa de rendimento 1,6% superior à safra passada. Espera-se rendimentos superiores a 4.000 kg/ha nas regiões de Curitivanos, Campos Novos e Joaçaba. As maiores regiões produtoras são Xanxerê, Canoinhas e Curitibanos, incluindo Campos Novos, que somam 380 mil hectares, respondendo por mais de 57% da área cultivada do estado.

Soja – Santa Catarina: área, produção e rendimento, comparativo entre as safras 2017/18 e 2018/19 – estimativa fev./2019

Microrregião	2017/18			2018/19 Estimativa atual – fev./2019			Variação % (2017/18 a 2018/19)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)
Campos de lages	62.230	222.758	3.580	59.140	212.473	3.593	-5,0	-4,6	0,4
Canoinhas	129.800	450.720	3.472	126.000	420.420	3.337	-2,9	-6,7	-3,9
Chapecó	92.941	300.866	3.237	87.580	277.040	3.163	-5,8	-7,9	-2,3
Concórdia	5.330	19.855	3.725	6.220	22.889	3.680	16,7	15,3	-1,2
Criciúma	-	-	0	1.540	5.319	3.454	-	-	-
Curitibanos	113.008	438.490	3.880	109.630	455.493	4.155	-3,0	3,9	7,1
Ituporanga	8.240	34.140	4.143	7.220	27.652	3.830	-12,4	-19,0	-7,6
Joaçaba	67.664	255.994	3.783	61.150	250.317	4.093	-9,6	-2,2	8,2
Rio do Sul	4.015	15.721	3.916	5.000	18.621	3.724	24,5	18,4	-4,9
São Bento do Sul	11.500	37.020	3.219	10.200	31.420	3.080	-11,3	-15,1	-4,3
São Miguel do Oeste	41.277	137.846	3.340	41.520	145.290	3.499	0,6	5,4	4,8
xerê	148.040	545.578	3.685	147.480	557.218	3.778	-0,4	2,1	2,5
Santa Catarina	684.045	2.458.989	3.595	662.680	2.424.152	3.654	-3,1	-1,4	1,6

Fonte: Epagri/Cepa.

Panorama regional

Estado: As lavouras apresentam bom estado de desenvolvimento (mais de 80%). A colheita deve se intensificar a partir do dia 15 de março, sendo que até o momento, em torno de 38% da área já foi colhida no Estado. A colheita está mais adiantada na região Oeste, com 76% da área colhida até dia 15 de março. A umidade e calor em algumas regiões tem provocado atraso na colheita, registro especial para o norte do Estado, onde a colheita estacionou nos 15% da área cultivada (semana 11-15 março/19), aguardando tempo mais estável.

Os produtores de milho e soja, que possuem colheitadeiras próprias, direcionam os trabalhos para soja, que é mais sensível a umidade e chuvas que danificam a qualidade das vagens e dos grãos. No Oeste a colheita está ocorrendo normalmente, contudo o excesso de umidade tem ocasionado redução de qualidade dos grãos, obrigando alguns produtores a dessecarem áreas para adiantar a colheita. As produções terão redução em áreas localizadas, com perspectivas de bons rendimentos de maneira geral.

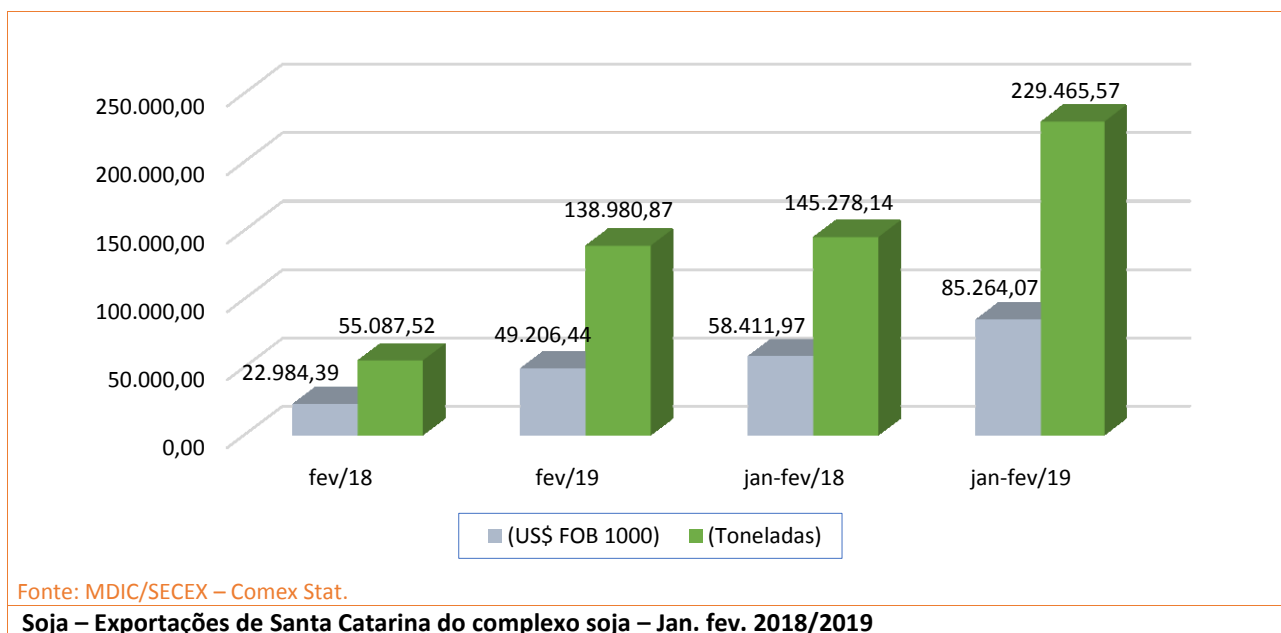
Safra nacional⁴

Soja: crescimento de 1,9% na área de plantio e redução de 4,9% na produção, atingindo 113,5 milhões de toneladas (sexto levantamento, março 2019), inferior aos 115 milhões da estimativa anterior (CONAB, fev/2019). As regiões Centro-Oeste e Sul são responsáveis por mais de 78% dessa produção. A colheita nacional atingiu 49,5%.

Exportações catarinenses

As exportações do complexo soja por Santa Catarina apresentaram forte aumento nos meses de jan-fev/2019 em relação ao mesmo período do ano passado, com alta de 57,9%. No entanto, quanto aos valores obtidos, este incremento foi menor. O preço médio da soja em grão exportada apresentou queda frente ao valor médio levantado em 2018. No ano passado (jan-fev/18) a tonelada era negociada, em média, a US\$ 402,07 e, em jan/fev de 2019, a US\$ 371,57, um recuo de 7,58% nos preços recebidos

As exportações do Brasil tiveram aumento de 48% no mesmo período. Apesar destes bons números de início de ano, a expectativa para março é de redução das exportações de soja pelo Brasil⁵, por dois motivos: a promessa da China em comprar 10 milhões de toneladas de soja dos EUA, movimento que acirra a concorrência com a soja brasileira; a recuperação da produção argentina em relação a safra passada.



⁴ Conab | Acompanhamento da safra brasileira de grãos | v. 6 - Safra 2018/19, n.6 - Sexto levantamento, março 2019.

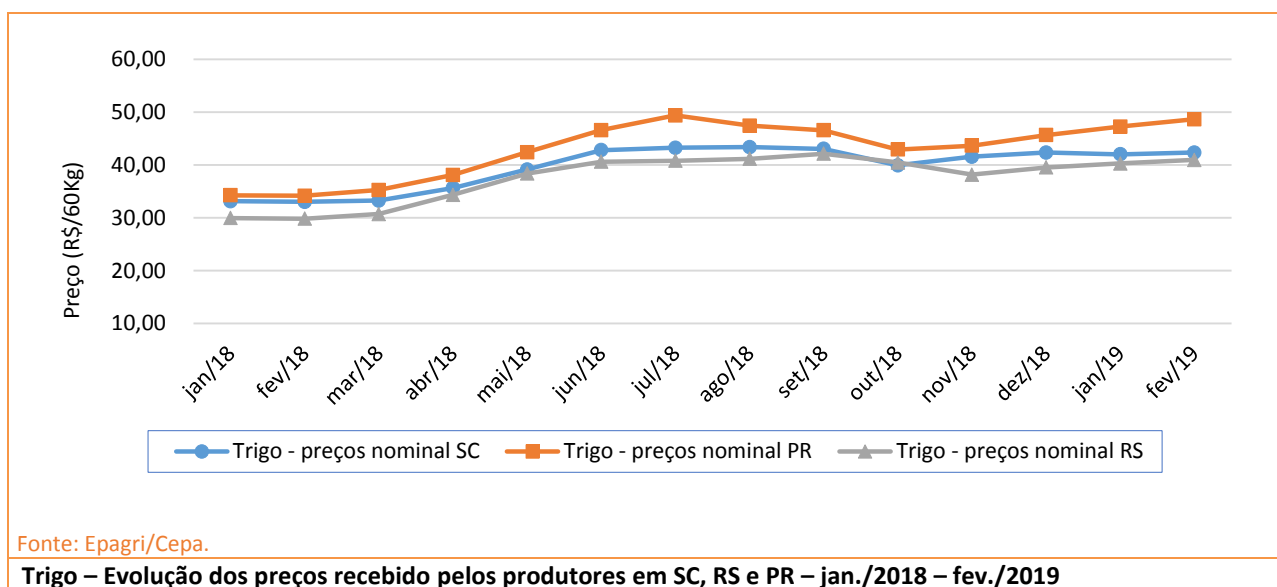
⁵ <http://www.mdic.gov.br/index.php/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior/balanca-comercial-brasileira-semanal>.

Trigo

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
 joaoalves@epagri.sc.gov.br

A safra de trigo 2018/19, encerrada no estado, foi marcada por dois momentos. Da primeira quinzena de junho até o mês de outubro as lavouras se desenvolveram muito bem; a partir de outubro, o excesso de chuvas e o elevado número de dias nublados prejudicaram a fase de maturação e colheita, comprometendo a qualidade do produto colhido. Mesmo com estes problemas de ordem climática, em relação à safra passada, esta safra foi maior em área, produção e rendimento. Entretanto, a baixa qualidade do produto colhido e o alto custo de produção prejudicaram a rentabilidade dos produtores catarinenses de trigo.

De novembro a janeiro, as indústrias moageiras foram às compras e fizeram estoque, quando os preços estavam mais baixos. Atualmente, o mercado de trigo segue parado, com preços relativamente estáveis. Em Santa Catarina, os preços médios oferecidos aos produtores que possuem trigo grão disponível para comercialização variaram positivamente em cerca de 1%, passando de R\$42,00 em janeiro para R\$42,33/60kg em fevereiro. Em relação há um ano, a variação permanece positiva em cerca de 28%. Comportamento idêntico foi observado nos mercados paranaense e rio-grandense. A tendência é que com a reposição dos estoques dos moinhos, que deverá ocorrer a partir do próximo mês, ocorra um aumento nas importações, sobretudo da Argentina, pois o trigo disponível para comercialização no mercado interno não é de boa qualidade



A campo, produtores catarinenses estão envolvidos com as safras de soja e milho. Ainda não se fala da próxima safra de trigo. Já no Rio Grande do Sul, dados da Farsul apontam para crescimento de 31% na área plantada para a safra 2019/20. Esse aumento na intensão de plantio é atribuído aos bons preços praticados atualmente.

Em fevereiro foi possível perceber tendência de alta nas cotações. Com menor oferta de trigo de boa qualidade no mercado interno, quem tiver produto de qualidade provavelmente não terá problemas em comercializar sua produção a preços melhores.

Trigo grão – Preços médios pagos ao produtor – safra 2018/19 – R\$/saca de 60kg

Estado	Fev./19	Jan./19	Variação mensal (%)	Fev./18	Variação anual (%)
Santa Catarina	42,33	42,00	0,79	33,00	28,27
Paraná	48,64	47,23	2,99	34,16	42,39
Rio Grande do Sul	40,95	40,26	1,71	29,82	37,32
São Paulo	53,88	53,17	1,34	39,89	35,07

Nota: SC e PR - Trigo Pão PH78, RS e SP - Trigo em Grão Nacional.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS e SP). Março, 2019.

Dados da Conab referentes ao balanço de oferta e demanda de trigo também apontam para um aumento das importações. Com isso, o mercado interno tende a se beneficiar em função da paridade dos preços do mercado interno aos preços do produto importado. As projeção de março deste ano apontam para importação da ordem de 7 milhões de toneladas, aumento de cerca de 9% em relação à safra 2017/18. O aumento das importações busca acompanhar o aumento do suprimento interno, de passou de 13 para 14 milhões de toneladas no mesmo período.

O governo federal reajustou os preços mínimos do trigo para a safra 2019/20. A portaria com os novos valores foi publicada no Diário Oficial da União (DOU) dia 12/03. Segundo o Ministério da Agricultura, o preço do trigo em grão em todos as regiões brasileiras subiu 12,16%. Para a Região Sul, o trigo tipo 1, melhorador, passou de R\$37,88 para R\$ 42,49/ saca de 60kg.

Trigo – Preço mínimo para a safra 2019/20

Região/Estado	Tipo	PH	Preços mínimos (R\$/60kg)												Período
			Básico			Doméstico			Pão			Melhorador			
			18/19	19/20	Var.%	18/19	19/20	Var.%	18/19	19/20	Var.%	18/19	19/20	Var.%	
Sul	1	78	19,88	22,30	12,16	24,82	27,84	12,16	36,17	40,57	12,16	37,88	42,49	12,16	Jul./2019 a Jun./2020
	2	75	17,89	20,07	12,16	22,34	25,06	12,16	30,98	34,75	12,16	32,48	36,43	12,16	
	3	72	15,74	17,65	12,16	19,05	21,37	12,16	22,91	25,70	12,16	23,33	26,17	12,16	
Sudeste	1	78	21,90	24,56	12,16	27,29	30,61	12,16	39,80	44,64	12,16	42,10	47,22	12,16	
	2	75	19,71	22,11	12,16	24,56	27,55	12,16	34,12	38,27	12,16	36,11	40,50	12,16	
	3	72	17,34	19,45	12,16	20,89	23,43	12,16	25,17	28,23	12,16	25,70	28,83	12,16	
Centro-Oeste e Bahia	1	78	21,90	24,56	12,16	27,29	30,61	12,16	41,42	46,46	12,16	43,81	49,14	12,16	
	2	75	19,71	22,11	12,16	24,56	27,55	12,16	35,51	39,83	12,16	37,58	42,15	12,16	
	3	72	17,34	19,45	12,16	20,89	23,43	12,16	25,17	28,23	12,16	25,70	28,83	12,16	

Preço mínimo básico pão, tipo 1.

Fonte: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=12/03/2019>.

As estimativas apontam que nesta safra Santa Catarina colheu cerca de 162,4 mil toneladas de trigo, cultivados em aproximadamente 54 mil hectares. Destaque para as microrregiões de Canoinhas, Chapecó e Xanxerê, que respondem por cerca de 70% da área plantada e 66% da produção estadual. Na comparação com a safra passada, tivemos um crescimento de 1% na área plantada, aumento de 26% na produção e incremento de 25% no rendimento médios das lavouras.

Nesta safra, dos 1.184 estabelecimentos rurais que declararam cultivar trigo apurados no censo agropecuário de 2017, cerca de 50% contraíram empréstimos junto a instituições financeiras oficiais para custear suas lavouras. Destes, cerca de 440 contratos foram para agricultores pronafianos (pequenos produtores), com um valor médio por contrato de R\$ 24.158,33. Em relação à safra 2017/18, houve uma redução de 7,7% no número de contratos e de 2,5% no valor total financiado com custeio.

Já na modalidade Pronamp (médios produtores), o valor médio por contrato de custeio nesta safra foi de R\$ 64.641,65, distribuídos em 145 contratos. Quando comparado à safra passada, este valor representa um aumento de 11,54% no número de contratos, para um volume de recursos praticamente idêntico ao investido em 2018.

Trigo grão – Santa Catarina: comparativo entre a safra 2017/18 e estimativa atual – safra 2018/19

Microrregião	Safra 2017/18			Estimativa atual safra 2018/19			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Campos de Lages	540	1.150	2.130	330	702,90	2.130	-39	-39	0
Canoinhas	9.580	27.957	2.918	10.850	33.235	3.063	13	19	5
Chapecó	14.030	34.722	2.475	12.527	33.314	2.659	-11	-4	7
Concórdia	915	2.246	2.455	1.330	3.942	2.964	45	76	21
Curitibanos	7.510	16.002	2.131	7.500	28.026	3.737	0	75	75
Ituporanga	505	1.054	2.086	765	1.938	2.533	51	84	21
Joaçaba	3.440	7.512	2.184	3.131	9.285	2.966	-9	24	36
Rio do Sul	225	485	2.156	190	492	2.589	-16	1	20
São Bento do Sul	150	357	2.383	250	659	2.636	67	84	11
São Miguel do Oeste	2.507	6.511	2.597	2.956	9.224	3.120	18	42	20
Xanxerê	13.795	30.570	2.216	14.100	41.583	2.949	2	36	33
Outras ⁽¹⁾	20	36	1.800						
Santa Catarina	53.217	128.602	2.417	53.929	162.401	3.011	1	26	25

⁽¹⁾ Safra 2017/18: dados da MRG de Blumenau.

Fonte: Epagri/Cepa, março/2018.

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

Importação de alho é a maior nos últimos quatro anos para os meses de janeiro e fevereiro

As dificuldades para comercialização do alho em Santa Catarina permanecem, embora tenha ocorrido pequena reação no mercado nas últimas semanas. O primeiro quadrimestre do ano é o principal período de comercialização da safra catarinense. Desta forma, pouco se vislumbra em termos de melhorias na situação para os produtores, visto que significativa parte da produção, pela sua baixa qualidade, teve que ser destinada à indústria.

Contribui também para o agravamento da situação a grande oferta internacional da hortaliça, que permanece alta, baixando as cotações do produto.

Esta situação é basicamente ocasionada pela atuação da China no mercado, que detém 80% das exportações de alho no mundo.

Mesmo assim, houve uma pequena reação no mercado, puxada principalmente pelo alho argentino, que tem chegado ao Brasil com preço maior neste mês em relação aos meses anteriores e, assim, contribuindo para amenizar um pouco a situação.

O preço FOB do alho do país vizinho, em fevereiro, foi de US\$ 1,21/kg, contra US\$ 0,78/kg do alho chinês, que tem qualidade inferior.

No mês de fevereiro, o custo médio FOB do alho importado pelo Brasil atingiu US\$ 1,14/kg, contra US\$ 0,99/kg em janeiro. Este valor representa um crescimento de 13,15%, mas ainda muito distante do valor do primeiro semestre de 2017, que em maio daquele ano alcançou US\$ 2,54/Kg.

Permanecem no mercado informações que China deve diminuir sua produção na próxima safra em função dos baixos preços alcançados nos últimos tempos. Além disso, outro aspecto importante diz respeito à mudança de comportamento dos jovens chineses, que estão cada vez mais reticentes a trabalhos que exijam esforço físico intenso. Essa mudança comportamental começa a afetar a disponibilidade de mão-de-obra para certas atividades rurais, no caso a produção de alho, que é praticamente realizada manualmente.

Em Santa Catarina, em busca de soluções para amenizar os efeitos da crise que envolve a produção de alho, lideranças da cadeia produtiva seguem mobilizadas e apresentando pauta às autoridades do setor agrícola.

As preocupações mais importantes nesse momento são com o grau de endividamento dos produtores e com as condições para viabilizar a próxima safra, cujo período de implantação se aproxima. Nesse sentido, devido as condições e grau de endividamento de muitas famílias, a permanecerem os atuais entraves e limites de acesso ao crédito rural de custeio, haverá dificuldades para a permanência destas na atividade, bem como para implantar as lavouras da nova safra.

A colheita da safra catarinense já foi concluída. Neste período, o esforço dos produtores continua no preparo do produto para a comercialização, que normalmente se estende por mais 90 a 120 dias.

Outro aspecto importante na atual conjuntura, são os desafios para a próxima safra de alho. Embora ainda seja cedo para tirar conclusões, as dificuldades decorrentes de duas safras consecutivas de baixo retorno e até mesmo prejuízos importantes aos produtores, preocupam o setor. Nesse sentido, é possível que deverá haver redução de produtores na atividade e, por consequência, na área plantada. Estas questões as equipes de campo da Epagri/Cepa deverão detectar nos próximos meses, através do acompanhamento da safra.

Na tabela abaixo é apresentado um quadro comparativo das importações de alho pelo Brasil em 2016, 2017, 2018 e até fevereiro de 2019, segundo dados do Comexstat/MDIC. Conforme os dados apresentados, há uma alteração importante para este início de ano em relação aos anos anteriores. A soma do volume internalizado nos dois primeiros meses de 2019 mostra crescimento na importação no bimestre. No mês de janeiro, o volume foi recorde para o período, só perdendo para o mês de dezembro de 2017, quando foram importadas 20,12 mil toneladas do bulbo.

Nos períodos comparados, percebe-se, também, que em 2016 a média mensal de entrada de alho no Brasil foi de 14,41 mil toneladas, totalizando no ano 172,97 mil toneladas.

Em 2017, houve redução no volume importado, baixando para 159,20 mil toneladas, com média mensal de 13,26 mil toneladas, redução em cerca de 8%. Em 2018, a média mensal de importação foi de 13,71 mil toneladas. Em 2019, a importação já atinge 34,34 mil toneladas, uma média mensal de 17,17 mil toneladas, muito acima das médias dos mesmos períodos anteriores.

Essa situação afeta diretamente os interesses dos produtores catarinenses, pois há coincidência do crescimento na importação no período crucial para a realização da comercialização da safra dos produtores do estado.

Alho – Brasil: importações de 2016 a 2018 (mil t)

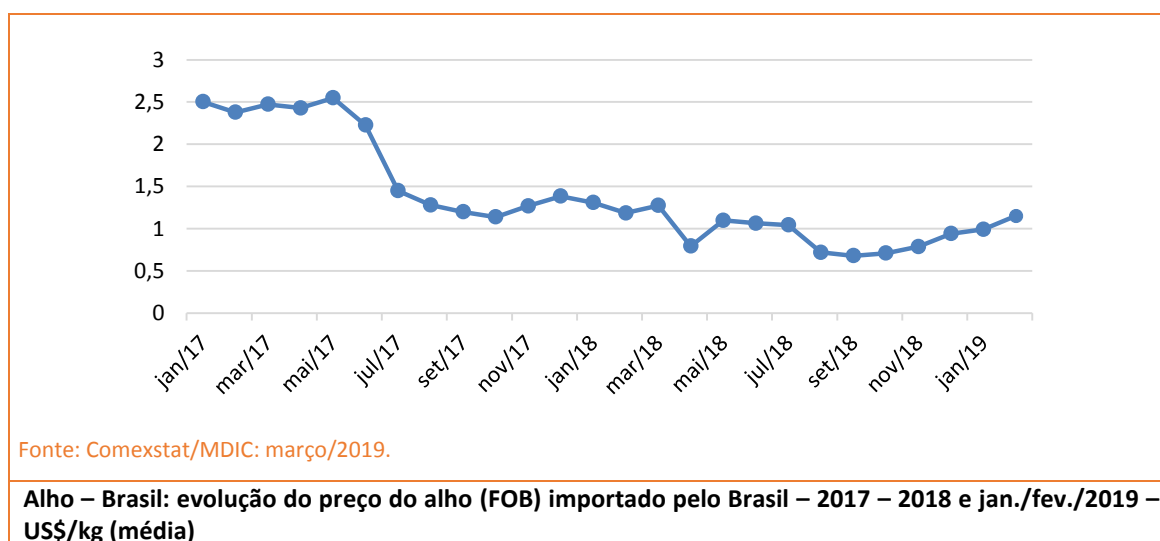
Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2016	17,01	16,80	16,73	15,43	14,08	15,92	19,95	15,89	11,87	6,03	9,06	14,20	172,97
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	159,20
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	15,71	164,48
2019	18,06	16,28	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	34,34

Fonte: Comexstat/MDIC: março/2019.

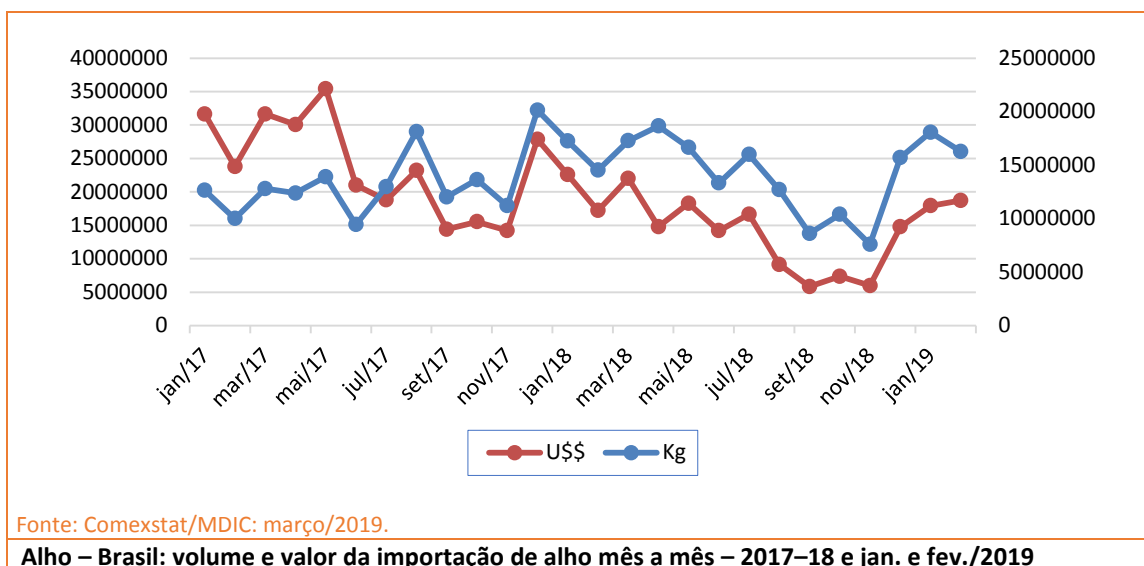
Como pode ser visto na figura a seguir, no primeiro semestre de 2017 o preço médio (FOB) do alho internalizado pelo Brasil estava num patamar próximo ou até acima de US\$ 2,00/kg.

A partir do segundo semestre, os preços oscilaram de mais de US\$ 2,00/Kg para menos de US\$ 1,50/kg, chegando ao menor preço em setembro de 2018, quando atingiu US\$ 0,67/kg.

Em outubro/18 se iniciou uma pequena e tênue recuperação, alcançando, em janeiro de 2019, US\$ 0,99/kg e fevereiro/19, US\$ 1,14/kg (FOB).

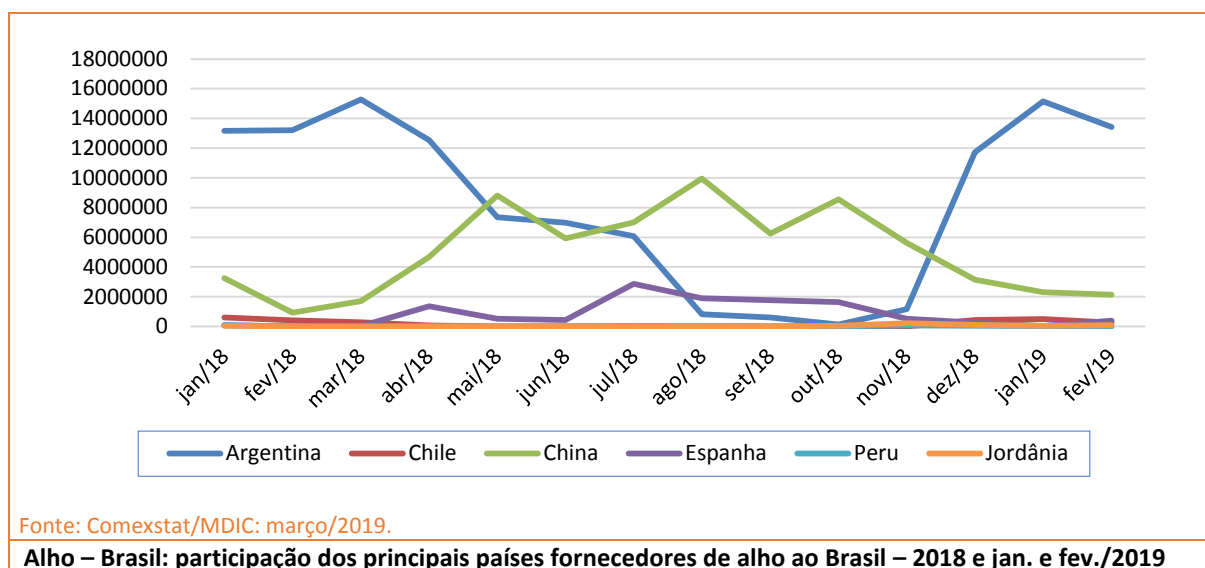


Em relação à importação de alho pelo Brasil, nos anos de 2017 e 2018 e no primeiro bimestre de 2019 o volume ficou entre 10 e 20 mil toneladas mensais.



Na figura abaixo, apresenta-se a participação dos principais países no fornecimento de alho ao Brasil no ano de 2018 e janeiro e fevereiro de 2019. A Argentina tem seu período de maiores vendas ao Brasil de dezembro a maio. A China e a Espanha exportam as maiores quantidades ao Brasil de abril a novembro, que é o período da entressafra catarinense.

Das 16,28 mil toneladas internalizadas no mês de fevereiro de 2019, 13,42 mil toneladas vieram da Argentina, perfazendo 82,43% do total. Da China, foram 2,12 mil toneladas, ou 13,02%. Os demais fornecedores participaram com apenas 4,5%, equivalendo a 732 toneladas.



Em relação à comercialização da safra catarinense, no mês de fevereiro/19, embora tenha havido uma pequena reação para o alho de bulbos calibre 4, 5, 6 e 7, os preços estão abaixo do custo de produção. Os alhos indústria e classes 2 e 3 estão sendo comercializados, preço ao produtor, entre R\$ 1,00 a R\$ 1,50/kg. As demais categorias, classes 4, 5, 6, e 7, estão sendo comercializadas por até R\$ 1,50/kg acima da classe, ou seja, para o alho 5 o preço pode atingir R\$ 6,50/kg, e assim por diante.

Em função de problemas climáticos, dentre outros, as categorias indústria, 2 e 3 estão tendo participação de até 60% no volume produzido em diversas propriedades. Por outro lado, as categorias maiores, tipo 6 e 7, apresentam pequenos volumes, contribuindo para que a média dos valores recebidos pelos produtores fique pouco acima de R\$ 3,15/kg, muito abaixo do custo de produção, que é acima de R\$ 6,50/kg.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

Preço ao produtor catarinense reage bem, após o carnaval

Embora com retração no mercado nas últimas semanas de fevereiro, a comercialização da safra catarinense segue dentro da normalidade, inclusive com pequena reação positiva no preço ao produtor. Desta forma, continua a conjuntura, em geral, favorável aos produtores. A comercialização da safra já ultrapassou os 65% da produção do estado. No Alto Vale do Itajaí, principal região produtora de Santa Catarina, estima-se que este percentual tenha alcançado 75%. Em termos gerais, a safra catarinense já foi comercializada em aproximadamente 70%.

Mesmo com o início da comercialização da safra do Nordeste, a Região Sul ainda mantém importante contribuição no volume comercializado no país. O ritmo de colheita da safra nordestina teve diminuição nas últimas semanas em função da ocorrência de chuvas, repercutindo em maior pressão de demanda para a Região Sul, favorecendo os produtores que ainda têm parte da sua produção para comercialização.

Estas condições favoreceram o mercado da cebola catarinense, que após o carnaval melhorou o preço pago ao produtor, alcançando valores acima de R\$ 1,70,00/kg. Esta melhora no preço foi puxada pela demanda do centro do país, em função da redução do ritmo da colheita no Nordeste no período e pela qualidade menor que a produção daquela região tem apresentado.

Desta forma, a comercialização da safra catarinense se realiza numa conjuntura de mercado em que a oferta foi bastante equilibrada em relação à demanda de mercado, o que propiciou relativa estabilidade nos preços, excetuando-se quando a qualidade deixa a desejar.

Coincidiu positivamente também o nível de oferta internacional do produto, que desde 2018 é menor em função da redução da produção em países importantes, como Holanda e Espanha, dentre outros.

Outro fator que contribui favoravelmente foi o enquadramento da cebola na Letec no final de 2017. Com isso, a avaliação da safra catarinense é positiva em seu conjunto. A reação positiva do mercado após o carnaval soma-se ao bom desempenho da safra e cujos reflexos devem muito positivos para as decisões dos produtores na manutenção e incremento do nível tecnológico das lavouras para a próxima safra.

Dessa forma, a comercialização da safra catarinense e sul brasileira de cebola ocorreu numa conjuntura favorável, em função, principalmente, da reduzida oferta do produto pelos principais países fornecedores ao Brasil.

Mesmo assim, algumas propriedades tiveram perdas de até 100% da produção devido a ocorrência do *yellow spot vírus*. Porém, que esse fenômeno, quando ocorreu, foi localizado e em poucas propriedades, não afetando a produção de forma geral.

No mercado atacadista, na Ceasa-SC-USJ, nas primeiras semanas de fevereiro o preço foi de R\$ 1,92,00/kg, oscilando para R\$ 1,72,00/kg no final do mês. Na primeira semana de março o preço médio ponderado foi de R\$ 1,67,00 por kg, redução de 2,90% em relação ao final do mês passado.

Na Ceagesp-SP, os preços da cebola média nacional reduziram de R\$ 2,67,00/kg para R\$ 2,62,00/kg na primeira semana de março. A cebola importada argentina oscilou de R\$ 2,77,00/kg para R\$ 2,60,00/kg no mesmo período, redução de 6,13%.

Embora sendo pequena e pouco expressiva no contexto geral da produção brasileira, apresentamos o comportamento das exportações de cebola nos últimos quatro anos (Tabela abaixo). Em alguns momentos de safra, para algumas regiões, a exportação exerce um papel de canal de escoamento importante, como alternativa de mercado.

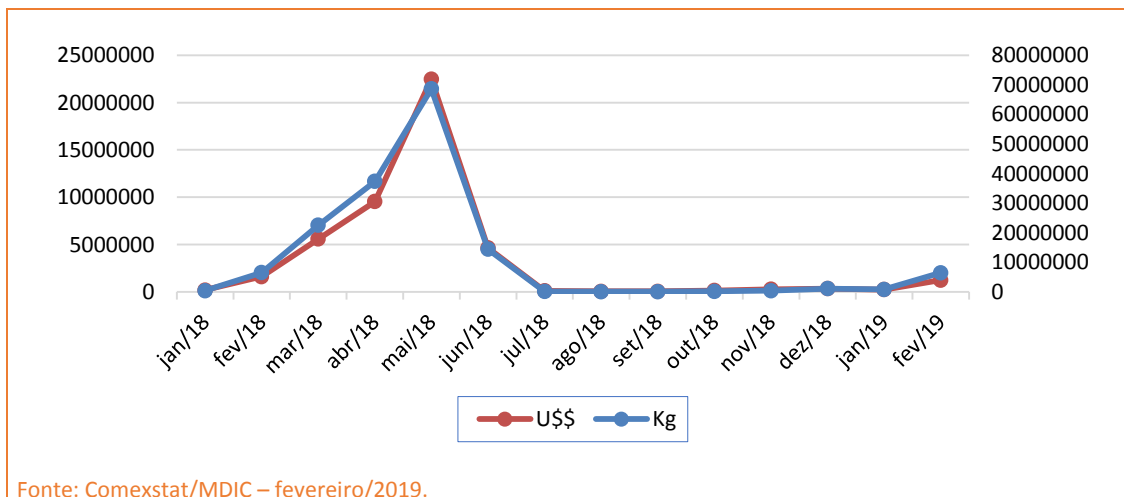
As exportações brasileiras de cebola em 2018 alcançaram 21,75 mil toneladas, ao valor de US\$ 3,42 milhões, perfazendo uma média de US\$ 0,157/kg.

Cebola – Brasil: exportações de 2015 a 2018, jan. e fev./2019			
Ano	US\$	Kg	US\$/Kg
2015	2.287.941	12.278.519	0,186
2016	4.924.385	21.816.192	0,225
2017	2.287.941	12.278.519	0,186
2018	3.421.211	21.752.409	0,157
2019	64.728	61.669	1,04

Fonte: Comexstat/MDIC – março/2019.

Em 2019, as exportações brasileiras de cebola atingiram 61,66 toneladas, com valor de US\$ 64.728. Embora em pequeno volume, o valor médio por kg, de US\$ 1,04, é expressivo

No mês de fevereiro/19, o Brasil importou 6,46 mil toneladas, contra apenas 830,81 toneladas em janeiro, um crescimento de 777,55%. De qualquer forma, para ambos os meses são números muito abaixo do histórico.



Fonte: Comexstat/MDIC – fevereiro/2019.

Cebola – Brasil: importação mês a mês – 2018 e janeiro de 2019

Em relação ao preço médio (FOB) da cebola importada pelo Brasil, houve uma sequência de redução nos preços desde dezembro de 2018, quando foi de US\$ 0,315/kg passando para US\$ 0,298/kg no mês de janeiro, chegando a US\$ 0,19/kg em fevereiro.

Os países fornecedores de cebola ao Brasil, em de fevereiro, foram a Argentina, com 6,29 mil toneladas, perfazendo 97,4% do total do volume importado, o Chile, com 127,3 toneladas, ou 1,96% do total, e a Espanha, com 39,3 toneladas, ou seja, pouco mais de 0,5% total importado.

Produtos vegetais

Tabaco

Luis Augusto Araujo

Engenheiro-agrônomo, M.Sc - Epagri/Cepa

laraujo@epagri.sc.gov.br

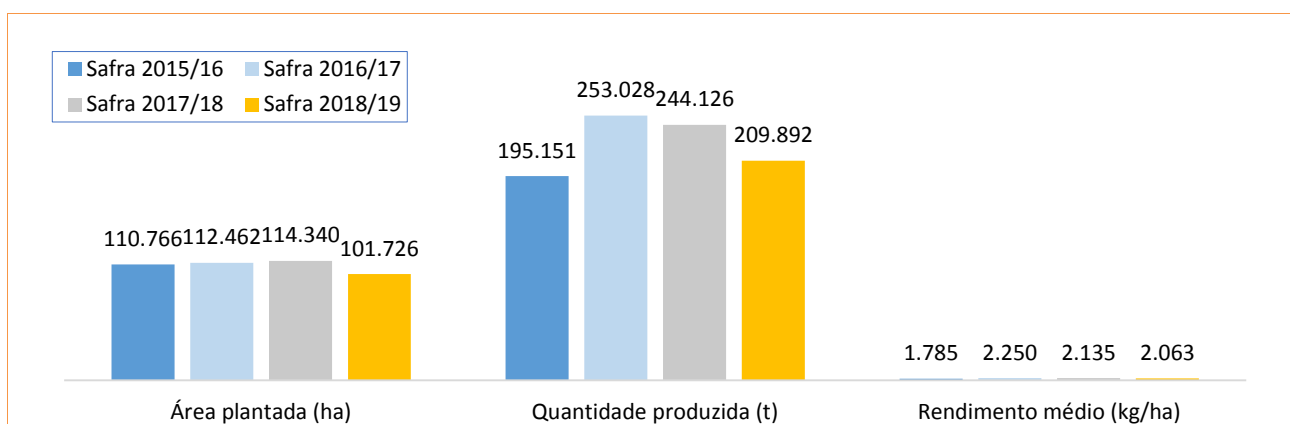
Em relação ao mercado externo, o Brasil é o líder mundial em exportações de tabaco desde 1993. Ainda no cenário mundial, o Brasil ocupa a segunda posição em termos de produção de tabaco, atrás somente da China.

Na Região Sul do Brasil, o dimensionamento do plantio é realizado em regime de integração com a indústria, de acordo com as necessidades internas e de exportação do produto. Tendo-se por base os dados revelados pelo Censo Agro 1995, 2006 e 2017, a Região Sul ampliou de 91,6%, a 94,7% e a 97,5%, respectivamente, a sua participação em relação a produção brasileira de tabaco.

A produção catarinense

Em termos de área plantada, as estimativas apontam redução de 10% na safra 2018/19, quando comparada à safra anterior. Contribuíram para a redução especialmente as microrregiões de Joaçaba, Rio do Sul e Ituporanga, também influenciada pelos ajustes de área em decorrência da divulgação do Censo 2017.

No mesmo sentido, a expectativa de rendimento para a safra 2018/19 é de ligeira queda em relação aos dois anos anteriores. A quebra de safra observada em várias regiões do estado, em decorrência de estiagem durante o plantio, em setembro, e novamente no período de novembro e dezembro de 2018, explicam as estimativas de desempenho dos rendimentos. Além disso, contribui ainda nessa explicação a ocorrência de chuvas nos meses de janeiro e fevereiro, período de colheita das lavouras de tabaco, que fez diminuir o peso e a qualidade do produto, especialmente no Planalto Norte Catarinense.



Fonte: Epagri/Cepa; LSPA - Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, Nov. 2017 – IBGE.

Tabaco – Santa Catarina: safras 2015/16, 2016/17, 2017/18 e estimativa da safra 2018/19

Como reflexo da redução de área e da queda de rendimento, estima-se 14,3% de queda na safra 2018/19 de tabaco, quando comparada à safra anterior.

As regiões produtoras

Nas estimativas da Epaagri/Cepa para Santa Catarina, 92% da produção estadual do tabaco tem sua origem em oito microrregiões, de um total de vinte: Canoinhas, Rio do Sul, Ituporanga, Tubarão, Araranguá, Criciúma, São Miguel do Oeste e Chapecó.

Mais particularmente, as três principais microrregiões produtoras de tabaco ocupam 63% da área plantada e contribuem com 65% da produção da safra 2018/19. Nessas três microrregiões, estima-se a produção de 136.816 toneladas, do total de 209.892 toneladas de tabaco esperadas para Santa Catarina. Em termos de área plantada catarinense, 35% está em Canoinhas, 16% em Rio do Sul e 12% em Ituporanga. Por outro lado, em termos da produção de tabaco, com aproximadamente a mesma proporção anterior, 37% tem origem na microrregião de Canoinhas, 16% em Rio do Sul e 13% em Ituporanga.

Tabaco – Santa Catarina: estimativa da área plantada, produção e rendimento por microrregião – safra 2018/19

Microrregião	Estimativa atual		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rendimento médio
Araranguá	7.431	12.239	1.647
Blumenau	410	810	1.975
Campos de Lages	978	2.071	2.117
Canoinhas	35.870	76.762	2.140
Chapecó	5.358	10.284	1.919
Concórdia	65	130	2.000
Criciúma	5.125	9.962	1.944
Curitibanos	587	1.108	1.887
Ituporanga	12.600	26.453	2.099
Joaçaba	520	936	1.800
Rio do Sul	15.810	33.601	2.125
São Bento do Sul	950	1.945	2.047
São Miguel do Oeste	3.927	7.855	2.000
Tabuleiro	887	1.795	2.023
Tijucas	2.766	6.231	2.253
Tubarão	7.721	16.110	2.087
Xanxerê	721	1.603	2.223
Santa Catarina	101.726	209.892	2.063

Fonte: Epaagri/Cepa.

As condições climáticas menos favoráveis nas principais regiões produtoras, relativamente às demais regiões, contribuiu para a estimativa de rendimento de 2.063 kg/ha. Nessas principais regiões, que normalmente apresentam os maiores rendimentos do estado, o rendimento estimado está próximo de 2.100 a 2.200kg/ha, ligeiramente superior à média estadual. Observe-se, ainda, que 1.647kg/ha é o rendimento mínimo estadual, previsto para a microrregião de Araranguá. Por fim, a maioria das regiões está concluindo a fase de colheita, exceção feita à microrregião de São Miguel do Oeste, que já se encontra encerrada.

Os preços

Após duas rodadas de negociação do preço do tabaco para a safra 2018/19, sem definições, a terceira rodada, realizada em 7 de março, resultou na assinatura de dois protocolos com as empresas fumageiras JTI (reajuste médio de 4,5%) e Souza Cruz (3,5%). A tabela de preços mínimos para a safra 2018/19, para estas empresas, estão disponíveis em <https://afubra.com.br/fumicultura-brasil.html>. A Comissão de Representação dos Produtores de Tabaco não firmou acordo com a empresa Philip Morris para esta safra.

Pecuária

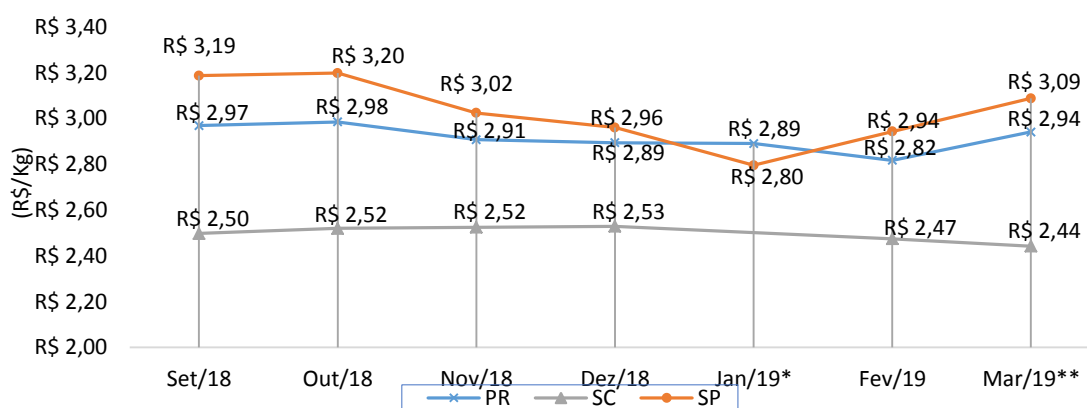
Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Nos últimos meses, os preços do frango têm apresentado tendências distintas em Santa Catarina e nos demais estados acompanhados. Enquanto os preços em São Paulo e no Paraná caíram ao longo do 2º semestre de 2018, em Santa Catarina observou-se relativa estabilidade, com leve movimento de alta. Agora, no início de 2019, as tendências se inverteram: em Santa Catarina registra-se movimento de queda, enquanto nos outros dois estados predominam altas. Os preços preliminares de março demonstram elevação de 4,93% em São Paulo e de 4,39% no Paraná, na comparação com o mês anterior. Em Santa Catarina, por sua vez, o preço médio estadual apresenta queda de 1,29% em março. Em fevereiro, o estado já havia registrado queda de 2,15%.

No boletim de fevereiro fez-se uma ressalva relativa à inclusão de novas praças de levantamento de preços, o que ajudava a explicar aquele resultado negativo⁶. Na variação entre fevereiro e março, contudo, esse fator já está incorporado nos dois preços médios, o que implica em reconhecer que há, de fato, um movimento de queda. Considerando-se somente as médias das praças de Chapecó e Sul Catarinense, a variação entre fevereiro e março foi de -2,51%.

Quando se compara os preços atuais com aqueles praticados em março de 2018, os resultados são fortemente positivos em todos os casos: 30,33% de aumento em São Paulo, 20,16% no Paraná e 13,10% em Santa Catarina. A inflação acumulada nos últimos 12 meses, medida pelo IPCA/IBGE, é de 3,89%.



(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro em SC.

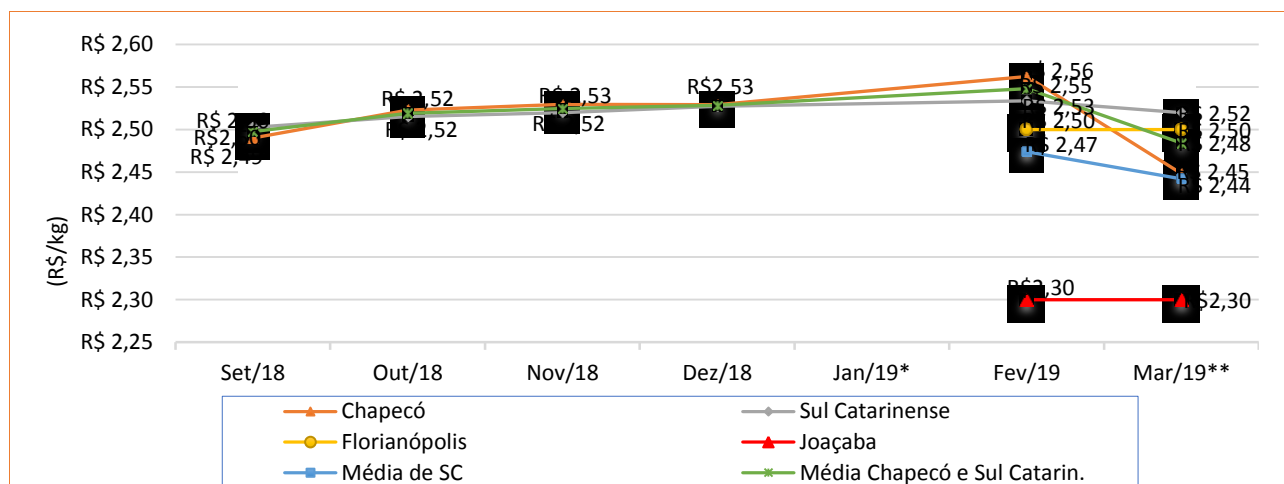
** Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/mar./2019.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); IEA (SP); SEAB (PR).

Frango vivo – Santa Catarina, São Paulo e Paraná: preço médio nominal⁽¹⁾ mensal pago aos avicultores – 2018/2019

⁶ Além de Chapecó e do Sul Catarinense, a partir do mês passado, a Epagri/Cepa está fazendo levantamento de preços de frango vivo em duas novas praças: Joaçaba e Florianópolis. Para minimizar eventuais distorções de análise decorrentes da introdução dessas praças, durante os próximos meses consideraremos também a média elaborada exclusivamente com os dados de Chapecó e do Sul Catarinense, de forma a possibilitar a transição metodológica e a comparação das médias atuais com as do ano passado.

Em março, os preços de Florianópolis e Joaçaba mantiveram-se inalterados em relação ao mês anterior. Em Chapecó e no Sul Catarinense, por sua vez, registraram-se quedas de 4,46% e 0,54%, respectivamente. Com isso, a média estadual caiu 1,29%.



(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/mar./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

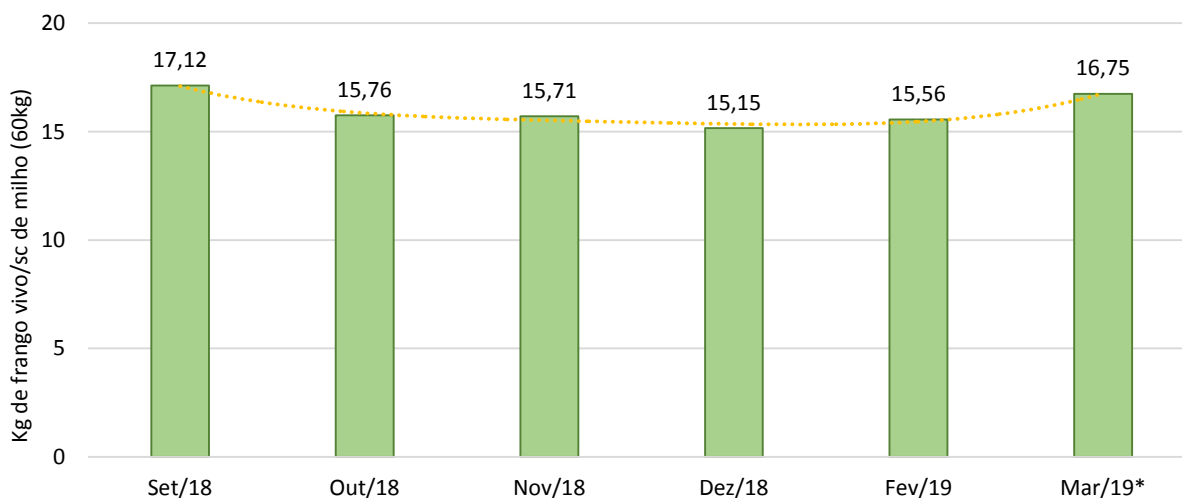
Frango vivo – Santa Catarina: preço médio nominal⁽¹⁾ pago aos avicultores em quatro praças distintas, média estadual e média das praças de Chapecó e Sul Catarinense – 2018/2019

De acordo com o 6º relatório de acompanhamento da safra brasileira de grãos, divulgado em meados de março pela Conab, no ano agrícola 2018/2019 devem ser colhidas 92,81 milhões de toneladas de milho, incremento de 14,99% em relação a 2017/2018. A 1ª safra deve ser 2,24% menor que no ano anterior, sendo um dos fatores que influencia as recentes altas no preço do milho. Já em relação à 2ª safra, espera-se que supere o ciclo anterior em 23,56%, o que faz com que o setor de produção animal mantenha a perspectiva de queda no preço do grão e, por consequência, a redução nos custos de produção das aves.

De acordo com o levantamento realizado pela Epagri/Cepa, Santa Catarina também registrará um aumento expressivo na produção de milho. O total da safra 2018/2019 deve atingir 2,86 milhões de toneladas, aumento de 11,23% em relação à anterior.

Além da queda nos preços do frango vivo, após um longo período de altas sucessivas, outro fator que preocupa o setor é a elevação nos custos de produção. Embora em fevereiro tenha ocorrido pequena queda de 0,71% em relação ao mês anterior, conforme aponta o Índice de Custos de Produção de Frangos (ICPFrango), da Embrapa Suínos e Aves, nos últimos 12 meses os custos dessa atividade aumentaram 8,35%, puxados pelas despesas com ração (6,74%) e pintos de um dia (1,21%).

Após um período de relativa estabilidade, em março a relação de equivalência insumo-produto voltou a apresentar alta mais significativa. Na comparação com fevereiro, o valor preliminar deste mês subiu 7,62%. Essa piora na relação de troca é decorrente tanto da queda no preço do frango (-4,46%), quanto da elevação do preço da saca de milho no atacado (2,82%).



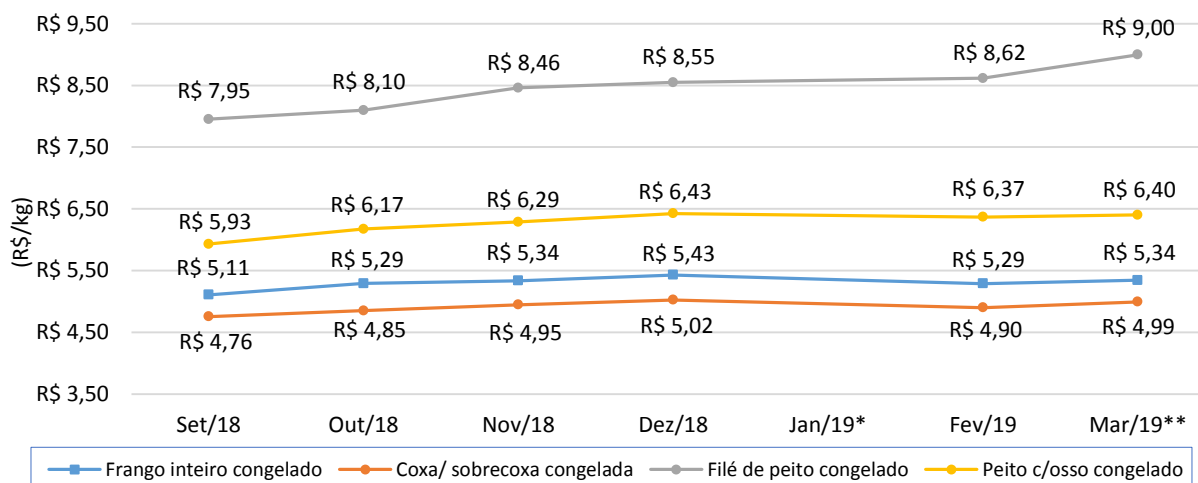
Para cálculo da relação de equivalência insumo/produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro/2019.

* O valor de março é preliminar, relativo ao período de 1 a 14/mar./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária para adquirir um saco de milho – 2018/2019

No mercado atacadista, depois da predominância dos movimentos de queda em fevereiro, os preços preliminares de março apontam para retomada da tendência de alta que já vinha sendo observada ao longo dos últimos meses de 2018. Todos os quatro cortes acompanhados pela Epagri/Cepa apresentaram variação positiva na comparação com o mês passado: filé de peito congelado (4,42%), coxa/sobrecoxa congelada (1,87%), frango inteiro congelado (1,06%) e peito com osso congelado (0,55%). Na média, os quatro cortes estão 1,97% mais caros que no mês anterior.



* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/mar./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual – 2018/2019

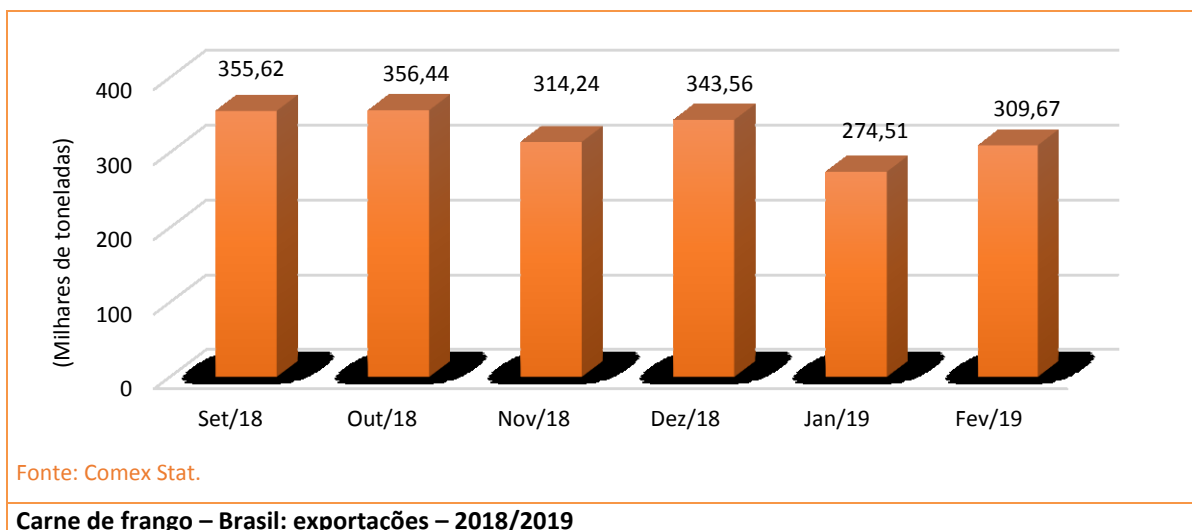
Quando se compara os preços atuais com aqueles praticados em março de 2018, as altas são significativas: coxa/sobrecoxa congelada (33,11%), filé de peito congelado (29,39%), peito com osso congelado (24,76%) e frango inteiro congelado (14,06%). A variação média é superior a 25,33%, diante de uma inflação de 3,89% nos últimos 12 meses.

Seguindo a mesma tendência, embora com índices menos expressivos, levantamento nacional realizado pela Associação Brasileira de Supermercados (Abas) mostrou que o preço do frango congelado apresentou alta de 0,33% em janeiro, na comparação com dezembro, e subiu 7,61% nos últimos 12 meses.

Esse forte movimento de alta no preço de atacado deve-se, principalmente, a um maior ajuste entre oferta e demanda, além da natural recomposição dos preços significativamente baixos praticados nos últimos dois anos em função das diversas crises enfrentadas pelo setor. Tanto que os preços atuais estão apenas 5,60% acima daqueles praticados em março de 2017, segundo os dados da Epagri/Cepa. Outro fator que contribuiu para os resultados mencionados anteriormente foi a transferência ao consumidor de parcela do aumento nos custos de produção observado ao longo do ano passado, principalmente por conta da elevação do preço do milho. Esse tema foi abordado no Boletim Agropecuário nº 64, de setembro de 2018.

Exportações

Após resultados negativos em janeiro, em fevereiro voltou a se registrar alta nas exportações brasileiras de carne de frango. Segundo dados do Ministério da Economia, no mês de fevereiro o Brasil exportou **309,67 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada), aumento de 12,81% em relação ao mês anterior e de 1,02% na comparação com fevereiro de 2018.

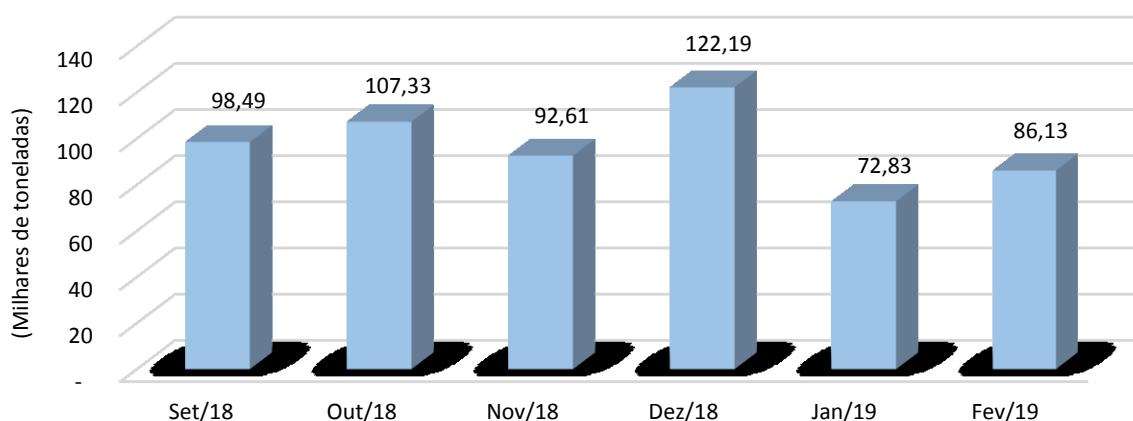


Em termos de receitas, os resultados também foram positivos: **US\$ 517,95 milhões**, aumento de 16,29% na comparação com o mês anterior e de 5,40% em relação a fevereiro de 2018. Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango foram China, Arábia Saudita, Japão, Emirados Árabes Unidos e Países Baixos, que responderam por 53,03% das receitas obtidas no período.

No acumulado do 1º bimestre, o Brasil exportou 584,19 mil toneladas de carne de frango, gerando US\$ 963,35 milhões em receitas. Em relação ao mesmo período do ano anterior, esses dados representam queda de 4,11% em valor e de 7,31% em quantidade.

De acordo com os dados preliminares divulgados pelo Ministério da Economia, nas duas primeiras semanas de março (4 dias úteis) registrou-se expressivo aumento na média diária de embarques de carne de frango *in natura*, em relação a fevereiro: 110,45% em valor e 107,78% em quantidade. Na comparação com março de 2018, a variação nas médias diárias também é bastante significativa: 90,68% em valor e 80,31% em quantidade. Contudo, esse período coincidiu com o Carnaval, o que pode significar que os embarques tenham sido concentrados em alguns dias e que não necessariamente esse ritmo se manterá no restante do mês.

Em fevereiro, Santa Catarina exportou **86,13 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada), crescimento de 18,27% em relação a janeiro e de 30,06% na comparação com fevereiro de 2018.



Fonte: Comex Stat.

Carne de frango – Santa Catarina: exportações de carne de frango – 2018/2019

Nesse mesmo período, as receitas foram de **US\$ 154,18 milhões**, valor 22,59% maior que janeiro e 32,32% acima de fevereiro de 2018.

No acumulado do ano, Santa Catarina exportou 158,96 mil toneladas de carne de frango, gerando US\$ 279,94 milhões em receitas. Em relação ao 1º bimestre do ano passado, esses montantes representam incrementos de 18,38% e 17,04%, respectivamente.

As exportações catarinenses aumentaram mais que as nacionais, razão pela qual a participação de Santa Catarina subiu em relação à média de 2018. Em fevereiro, o estado foi responsável por quase 30% do valor exportado em frango pelo país, contra pouco mais de 28% no ano passado.

Os cinco principais destinos da carne de frango catarinense responderam por 53,88% do valor exportado pelo estado em fevereiro.

Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – fevereiro/2019

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	24.745.851,00	13.130
China	16.705.930,00	9.046
Países Baixos (Holanda)	16.641.620,00	5.961
Emirados Árabes Unidos	12.882.682,00	7.222
Arábia Saudita	12.091.785,00	6.459
Demais países	71.108.240,00	44.317
Total	154.176.108,00	86.135

Fonte: Comex Stat.

Os embarques para o Japão, principal destino, voltaram a apresentar resultados positivos em fevereiro (21,69% em valor e 16,95% em quantidade, na comparação com fevereiro de 2018), mas no acumulado do ano os resultados ainda são negativos (-3,02% em valor e -8,05% em quantidade).

Na comparação com fevereiro de 2018, a maioria dos principais importadores de carne de frango catarinense apresentou resultado positivo, com exceção da Arábia Saudita (a quantidade importada caiu 3,26%, mas o valor cresceu 15,21%), do México (no acumulado do ano aquele país praticamente manteve o mesmo valor do ano passado, não obstante a queda expressiva na quantidade) e Hong Kong (que reduziu suas importações em mais de 50%).

Em relação a esse último caso, alguns analistas afirmam tratar-se de estratégia de realocação de portos de descarga, fazendo com que os navios se encaminhem diretamente para a China Continental, ao invés do descarregamento em Hong Kong, com posterior redirecionamento para outras províncias. De qualquer

forma, as importações da China ampliaram-se bastante, compensando a queda de Hong Kong. Contudo, em meados de fevereiro os chineses implementaram tarifas *antidumping* de 17,8% a 32,4% sobre a carne de frango do Brasil, medida que é potencialmente prejudicial para a competitividade dos produtos brasileiros, embora as principais empresas tenham assinado acordos de preços mínimos (conhecidos como *price undertaking*) com o governo chinês para evitar a sobretaxação. Os dados de março provavelmente poderão fornecer indícios mais concretos sobre os eventuais efeitos dessas medidas nas vendas para aquele país.

O crescimento das exportações para a China também tem relação com a situação sanitária daquele país, especialmente no que diz respeito à ocorrência de diversos focos de peste suína africana. A queda na produção de suínos, associada ao receio de parte da população em consumir essa carne, estimulam a demanda por proteínas alternativas, como é o caso da carne de frango.

Em relação à Arábia Saudita, é necessário lembrar que em fins de janeiro aquele país desabilitou alguns abatedouros de aves brasileiros, o que pode ter comprometido os resultados de fevereiro. É esperado que as maiores empresas reorganizem sua estratégia de exportação, substituindo as unidades desabilitadas por outras que mantiveram seu *status*. Com isso, é possível que nos próximos meses se vislumbre uma recuperação nos embarques para a Arábia Saudita. Os sauditas vêm reduzindo as compras de carne de frango brasileira desde o ano passado, quando alteraram as exigências para o abate Halal.

Uma boa notícia em relação ao mercado externo foi a habilitação de novas plantas frigoríficas brasileiras para a exportação de carne para a Coreia do Sul. No total são nove plantas, das quais quatro voltadas à produção de carne de frango. Dessas, uma está localizada em Santa Catarina. Em 2018, Santa Catarina exportou 33,52 mil toneladas de carne de frango para o país asiático, com faturamento de US\$ 59,97 milhões.

Em relatório publicado recentemente, o Rabobank estima que a demanda mundial por carne de aves deverá crescer entre 2% e 3% este ano, impulsionada principalmente pela China (cujas importações desse produto devem crescer cerca de 5%). Isso se dará principalmente em função da substituição parcial da carne suína naquele país, pelos motivos já mencionados anteriormente.

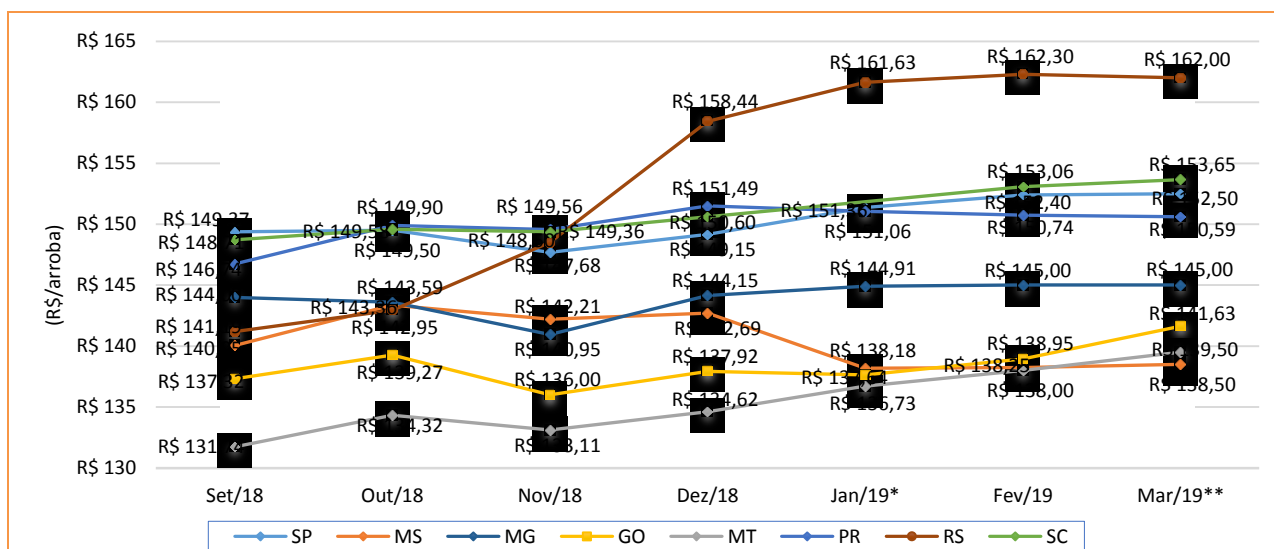
Quanto ao mercado doméstico, o relatório do Rabobank segue apostando numa recuperação mais rápida no consumo durante o ano, devido à melhoria do cenário econômico. Além disso, há expectativa de que a maior disponibilidade de milho no mercado local reduza os custos de produção, melhore as margens do setor e possibilite o crescimento dos volumes de abate. A conferir.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre.giehl@epagri.sc.gov.br

Os preços do boi gordo mantêm-se estáveis no início de 2019, com poucas variações na maior parte das praças do país. Na maioria dos estados analisados neste boletim, observa-se pequenas oscilações (positivas ou negativas) quando se compara os valores preliminares de março com o mês anterior. É o caso de São Paulo (0,07%), Mato Grosso do Sul (0,18%), Santa Catarina (0,39%), Paraná (-0,10%) e Rio Grande do Sul (-18%). Mato Grosso apresentou variação um pouco maior, mas ainda assim próxima à estabilidade: 1,09%. A variação mais significativa se deu em Goiás, estado que registrou alta de 1,93% no preço da arroba. Em Minas Gerais, os preços mantiveram-se inalterados em relação ao mês anterior.

O calor e o bom volume de chuvas em grande parte das regiões produtoras garantem uma melhor qualidade das pastagens, o que permite aos pecuaristas reter os animais por mais tempo, aguardando melhores preços. Por outro lado, a demanda de carne bovina tem se mantido estável e as exportações no início de 2019 estão em ritmo mais lento que no ano anterior, o que faz com que os frigoríficos evitem ampliar suas escalas de abate. Essa situação implica poucas movimentações no mercado e favorece a estabilidade dos preços. Contudo, tal cenário deve se alterar com a chegada do outono, quando as pastagens perdem qualidade, dificultando a retenção dos bovinos, e com a perspectiva de ampliação das exportações nos próximos meses.



* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/mar./2019.

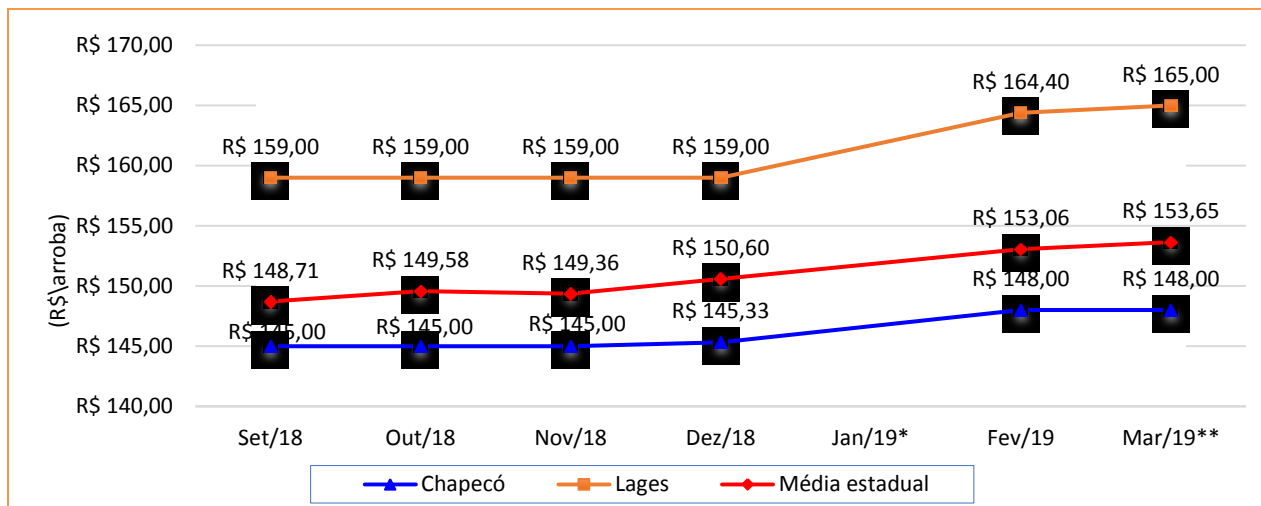
Fonte: Epagri/Cepa⁽¹⁾; Cepea⁽²⁾; SEAB⁽³⁾; Nespro⁽⁴⁾.

Boi gordo – SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾, MS⁽²⁾, PR⁽³⁾ e RS⁽⁴⁾: evolução dos preços da arroba – 2018/2019

Quando se comparam os valores atuais com aqueles de março de 2018, verificam-se variações positivas em todos os estados: Paraná (6,49%), Rio Grande do Sul (6,33%), Mato Grosso do Sul (6,03%), Goiás (5,88%), Mato Grosso (5,26%), São Paulo (5,21%), Minas Gerais (5,07%) e Santa Catarina (4,27%). Nos últimos 12 meses, o IPCA/IBGE registrou inflação acumulada de 3,89%. Ou seja, mesmo que os aumentos não tenham sido muito expressivos, todos ficaram acima da inflação do período.

Os preços do boi gordo nas duas praças de referência em Santa Catarina (Chapecó e Lages) mantiveram-se estáveis entre fevereiro e março, com leve alta de 0,36% em Lages. Em Chapecó não houve variação. A

média estadual, por sua vez, subiu 0,39% nesse período, mantendo a tendência de alta do último trimestre do ano passado⁷. Na comparação com março de 2018, há diferenças mais expressivas: aumentos de 7,25% e 7,45% em Chapecó e Lages, respectivamente, e de 4,87% na média estadual.



* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

** Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/mar./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

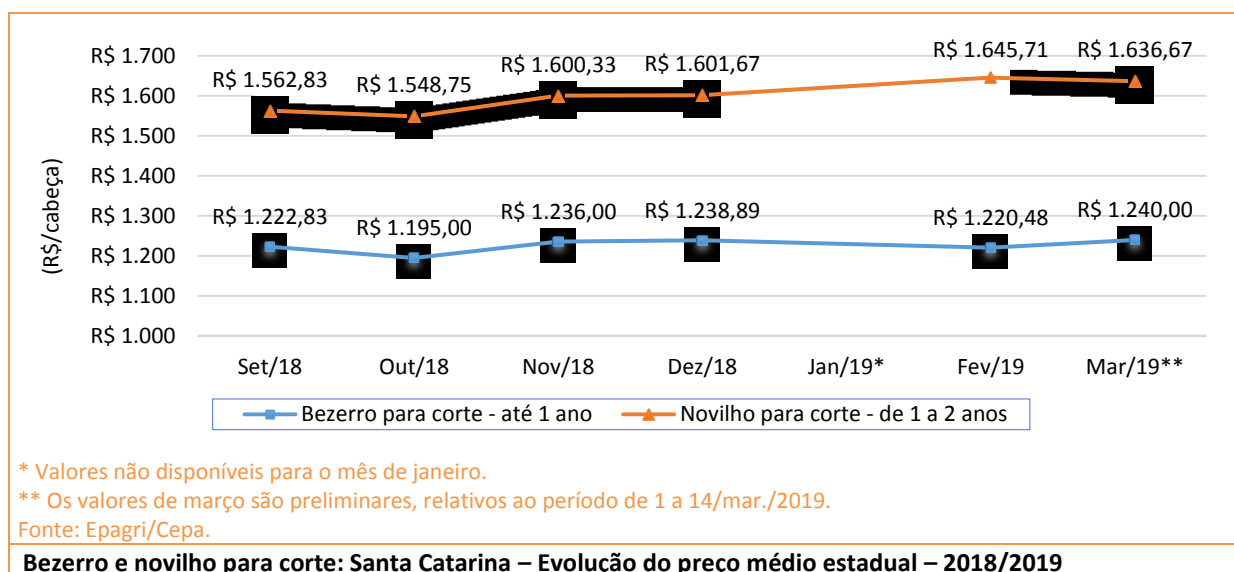
Boi gordo – Santa Catarina: evolução do preço médio mensal nas praças de referência e média estadual – 2018/2019

De acordo com relatório publicado pelo Rabobank no início deste mês, os preços da arroba bovina devem permanecer estáveis durante o primeiro semestre do ano, embora deva se observar um viés de alta. Além disso, os analistas do banco apontam que os preços da carne no atacado deverão ser favoráveis para a indústria ao longo do ano, como resultado da redução na oferta e da melhora nas demandas doméstica e internacional. Apesar das perspectivas positivas, chama-se atenção para a possibilidade de a carne bovina sofrer com a competição de outras proteínas no mercado doméstico, principalmente a carne de frango. Para que o cenário mais otimista se viabilize, é necessário que as exportações se mantenham em alta, assim como no ano passado, além da confirmação das projeções de melhora das condições econômicas nacionais.

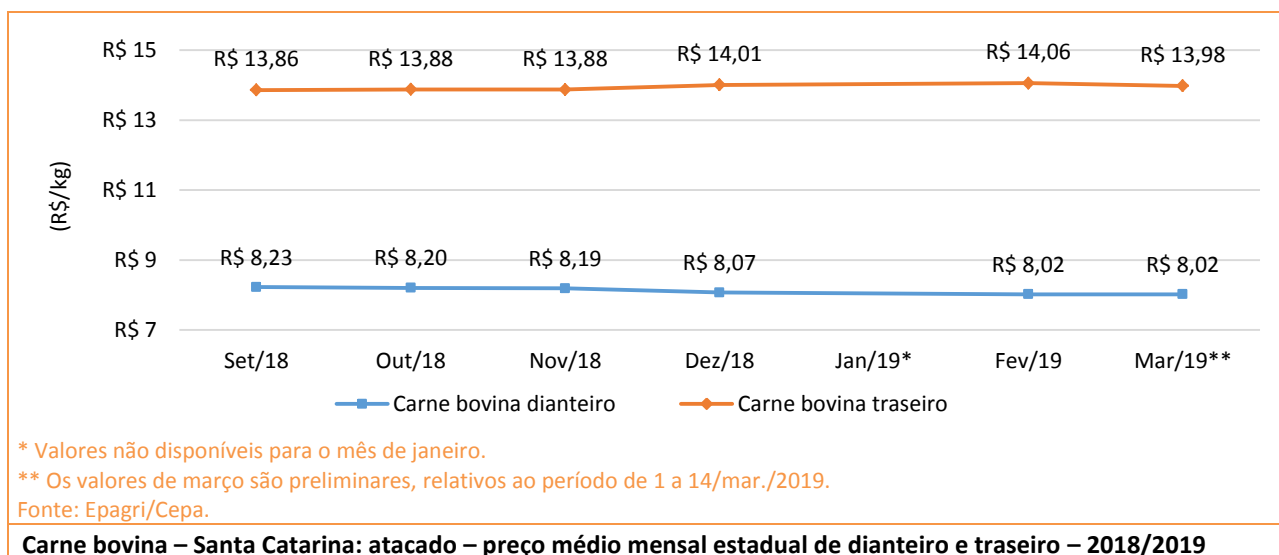
O mercado de animais de reposição tem se mantido estável nos últimos meses, mas com leve tendência de alta durante os últimos seis meses. Em fevereiro, o preço dos bezerros de até 1 ano registrou queda de 1,49% em relação a dezembro, enquanto nos novilhos de 1 a 2 anos observou-se alta de 2,75%. Em março esses movimentos se inverteram, sendo registrada alta de 1,60% nos bezerros e queda de 0,55% nos novilhos.

Não obstante a predominância de altas, os compradores estão cautelosos, principalmente os confinadores, pois aguardam quedas mais significativas no preço do milho para realizar investimentos mais vultuosos.

⁷ Este ano ampliou-se o número de praças de coleta de preços do boi gordo de 8 para 10, o que afeta a comparação entre os valores atuais e os anos anteriores. De qualquer forma, ao calcularmos a variação do preço médio estadual sem as duas novas praças (Caçador e Florianópolis), a variação entre março de 2018 e março de 2019 foi de 3,66%, um pouco abaixo da inflação do período.



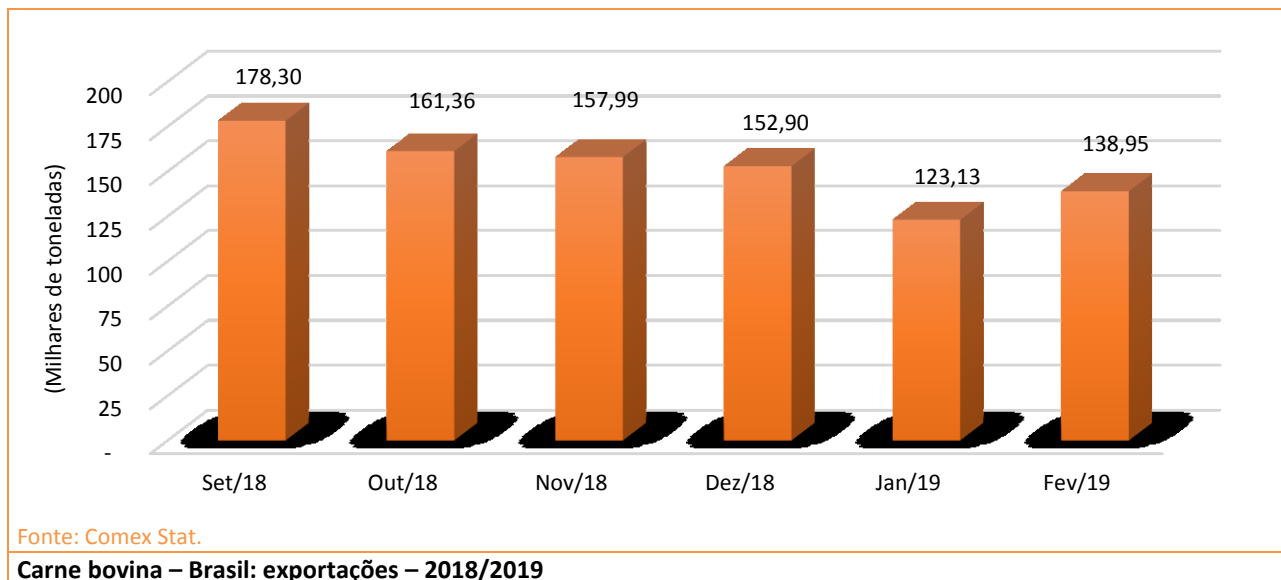
Em relação ao mercado atacadista, os dois principais cortes acompanhados pela Epagri/Cepa apresentam poucas variações no mês de março. De acordo com os dados preliminares, o preço da carne de traseiro registra queda de 0,56% em relação a fevereiro, ao passo que o dianteiro se mantém praticamente inalterado, com variação de apenas 0,04% no mesmo período. O acúmulo de despesas no início do ano ajuda explicar essa pequena diferença de comportamento dos preços, pois em situações de restrição financeira, o consumidor, normalmente, abre mão dos cortes de maior valor, como é o caso dos traseiros. Já na comparação com março de 2018, a carne de dianteiro ainda apresenta defasagem de 6,61%, enquanto o traseiro teve pequena alta de 0,44% no período.



Segundo levantamento nacional realizado pela Associação Brasileira de Supermercados (Abas), o corte dianteiro de carne bovina registrou queda de 2,13% em janeiro, na comparação com dezembro, resultado decorrente principalmente da redução dos valores do produto nas Regiões Norte e Nordeste. Contudo, nos últimos 12 meses, o preço da carne dianteira acumula alta de 2,62%. Já o corte de carne bovina traseiro teve alta de 1,93% em janeiro, na comparação com dezembro, com variação de 1,90% nos últimos 12 meses.

Exportações

Após resultados marcadamente negativos no mês de janeiro, em fevereiro as exportações brasileiras de carne bovina voltaram a subir. Foram exportadas **138,95 mil toneladas** (*in natura*, industrializada e miudezas), volume 12,85% maior que no mês anterior e 14,35% acima do que foi registrado em fevereiro de 2018.



Carne bovina – Brasil: exportações – 2018/2019

As receitas também voltaram a registrar variações positivas: **US\$ 517,99 milhões** em fevereiro, acréscimo de 13,33% na comparação com o mês anterior e de 6,83% em relação a fevereiro de 2018.

Embora as exportações tenham melhorado no mês passado, no acumulado do ano o resultado ainda é inferior em 2,79% em relação ao 1º bimestre de 2018, alcançando US\$ 975,06 milhões. Já em termos de quantidade, foram exportadas 262,07 mil toneladas, volume 6,78% superior ao mesmo período do ano passado.

Os cinco principais destinos da carne bovina brasileira responderam por 60,67% das receitas de fevereiro, conforme detalhado no quadro a seguir.

Carne bovina – Brasil: principais destinos das exportações – fevereiro/2019		
País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	118.665.341,00	25.856
Hong Kong	95.931.501,00	29.598
Egito	35.072.251,00	13.022
Irã	34.003.342,00	9.439
Chile	30.592.407,00	7.946
Demais países	203.722.572,00	53.086
Total	517.987.414,00	138.947

Fonte: Comex Stat.

Os embarques para a China, que haviam apresentado uma queda de ritmo nos últimos meses, voltaram a registrar altas significativas. Em relação ao mesmo mês de 2018, o resultado de fevereiro é 28,30% superior em valor e 23,99% em quantidade. Contudo, dois grandes importadores novamente registraram variação negativa: Hong Kong (-28,27% em valor e -17,91% em quantidade) e Egito (-23,72% em valor e -15,49% em quantidade).

Por outro lado, diversos destinos importantes apresentaram altas significativas no mês passado, quando comparados a fevereiro de 2018. É o caso do Irã (cujas compras cresceram 73,31% em valor e 110,76% em quantidade), dos Emirados Árabes Unidos (213,33% em valor e 265,66% em quantidade), da Rússia (1.182,26% em valor e 1.677,74% em quantidade) e da Turquia (2.667,31% em valor e 3.095,65% em quantidade), para citar apenas os dez principais importadores.

Mais uma vez destaca-se a retomada das exportações de carne bovina para a Rússia, após praticamente um ano de suspensão, embora o volume ainda esteja abaixo do registrado antes do embargo. Em fevereiro de 2017 foram embarcadas 11,87 mil toneladas para aquele país, contra 5,24 mil no mesmo mês deste ano⁸.

De acordo com os dados do Ministério da Economia, nas **duas primeiras semanas de março** (4 dias úteis) a média diária de embarques de carne bovina *in natura* cresceu **69,05% em valor e 69,27% em quantidade**. Na comparação com março de 2018, os resultados também são positivos, com crescimento nas médias diárias de 59,83% em valor e 69,14% em quantidade. Esse período coincidiu com o Carnaval, o que pode significar que os embarques tenham sido concentrados em alguns dias, resultando em variações tão positivas. É necessário aguardar as próximas semanas para averiguar se esse ritmo se manterá.

Além da retomada das compras pela Rússia, a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec) crê num mercado externo novamente bastante favorável este ano, dada a perspectiva de demanda por parte de países tradicionalmente abastecidos pela Austrália. Estimativas preliminares apontam que as exportações australianas devem cair pelo menos 2% a 3% devido a severas inundações que podem ter matado até 500 mil bovinos naquele país. Segundo a Abiec, países que atualmente compram carne dos australianos, como é o caso do Japão e da Indonésia, possivelmente terão que buscar outros fornecedores para atender suas demandas.

Contudo, alguns analistas avaliam que é mais provável que o Japão, país no qual a carne bovina brasileira praticamente não tem penetração, opte por ampliar suas importações de mercados com os quais já possui comércio estabelecido, como é caso de Estados Unidos, Argentina e Uruguai. De qualquer forma, o Brasil teria boas chances de acessar o mercado Indonésio, embora também não haja exportações para aquele país no momento.

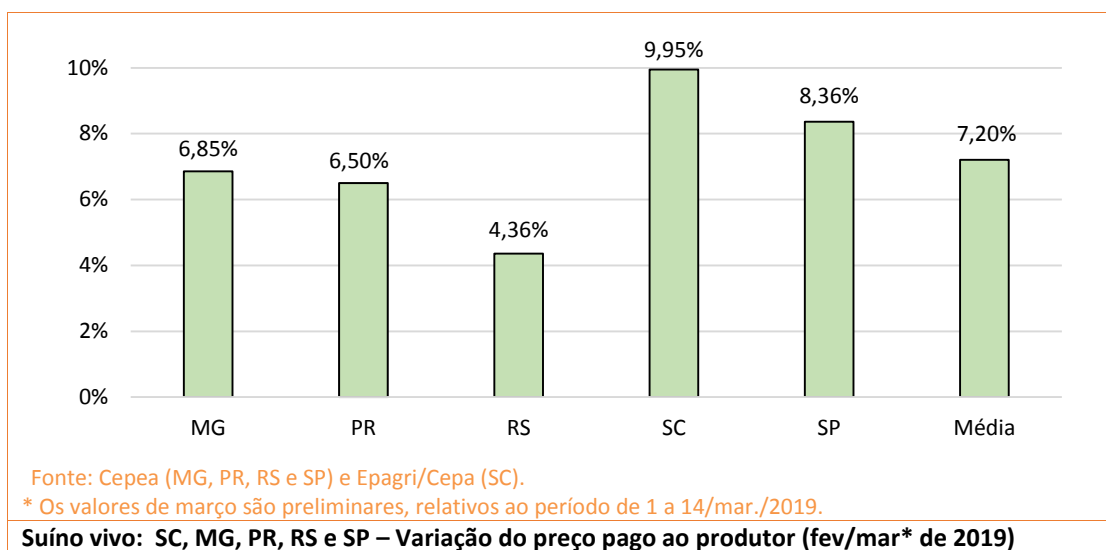
Diferentemente do que foi observado em grande parte do ano passado, em 2019 as exportações catarinenses de carne bovina têm decrescido. Em janeiro já foram registradas quedas, tanto em relação a dezembro quanto na comparação com janeiro de 2018. Essa tendência se manteve em fevereiro, quando foram exportadas 352,5 toneladas, queda de 8,66% em relação ao mês anterior e de 15,71% na comparação fevereiro de 2018. As receitas, por sua vez, foram de US\$ 1,02 milhão, valor 4,90% inferior na comparação com o mês anterior e 15,71% inferior em relação a fevereiro de 2018.

⁸ Em fevereiro de 2018 foram exportadas 294,55 toneladas de miudezas bovinas (NCM 05040011 – Tripas de bovinos, frescas, refrigeradas, congeladas, salgadas ou defumadas), produtos que não afetados pelo embargo.

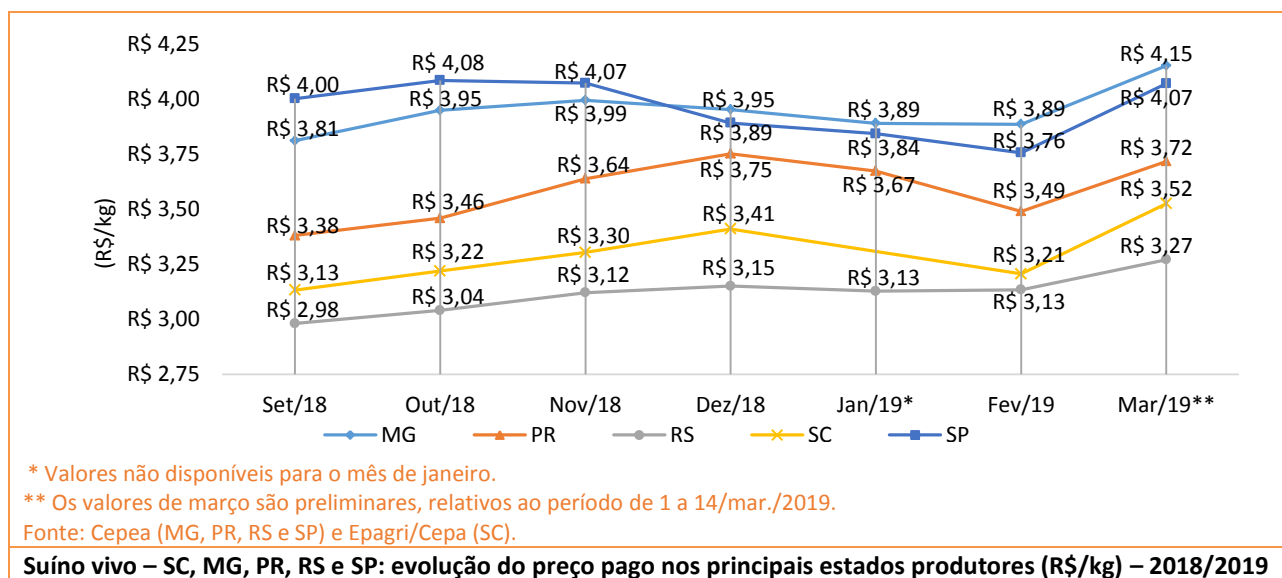
Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Depois do movimento de queda que começou no último trimestre de 2018 e se estendeu até os primeiros meses de 2019, em março, os preços dos suínos vivos finalmente voltaram a reagir em praticamente todos os estados produtores. Até o momento, a maior variação é observada em Santa Catarina, onde a média estadual subiu 9,95% em relação ao mês anterior. Na sequência, vem São Paulo (8,36%), Minas Gerais (6,85%), Paraná (6,50%) e Rio Grande do Sul (4,36%).

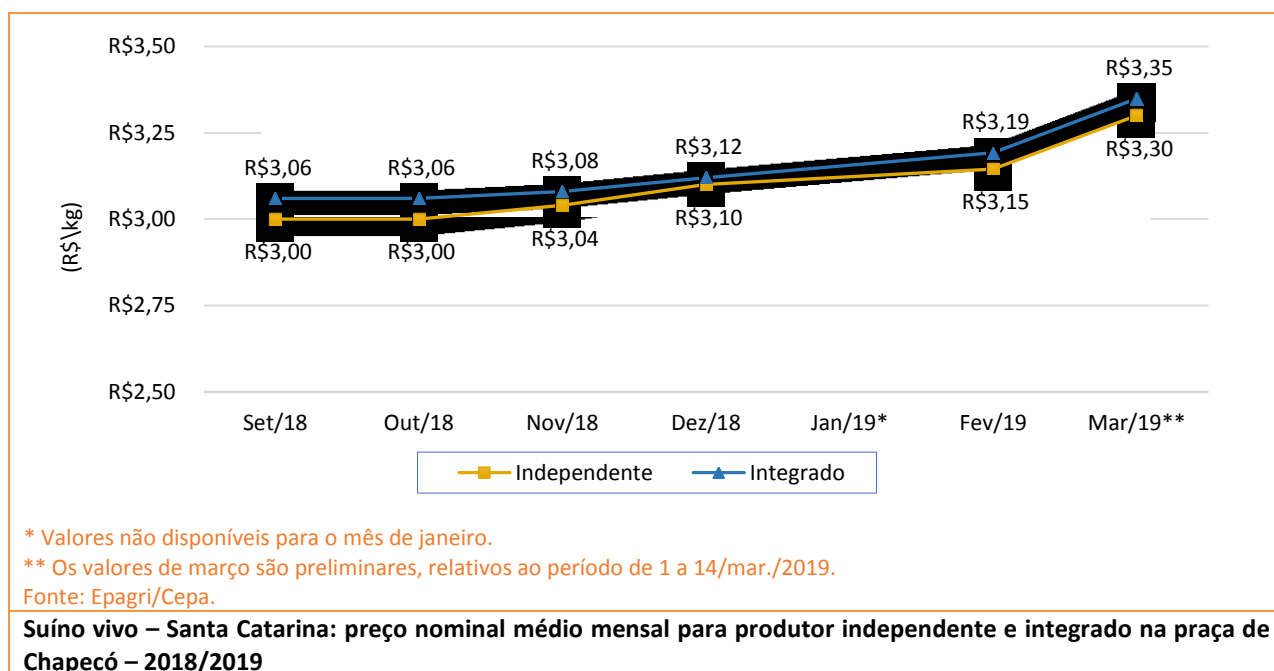


Com os resultados deste mês, ficou ainda maior a distância entre os valores atuais e aqueles praticados em março de 2018. A maior diferença é observada em São Paulo, cujo preço médio subiu 27,93% no período, seguido por Minas Gerais, com 26,42% de aumento, Paraná, com 22,55%, Santa Catarina, com 16,24%, e Rio Grande do Sul, com 10,15%. De acordo com o índice IPCA/IBGE, a inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 3,89%.

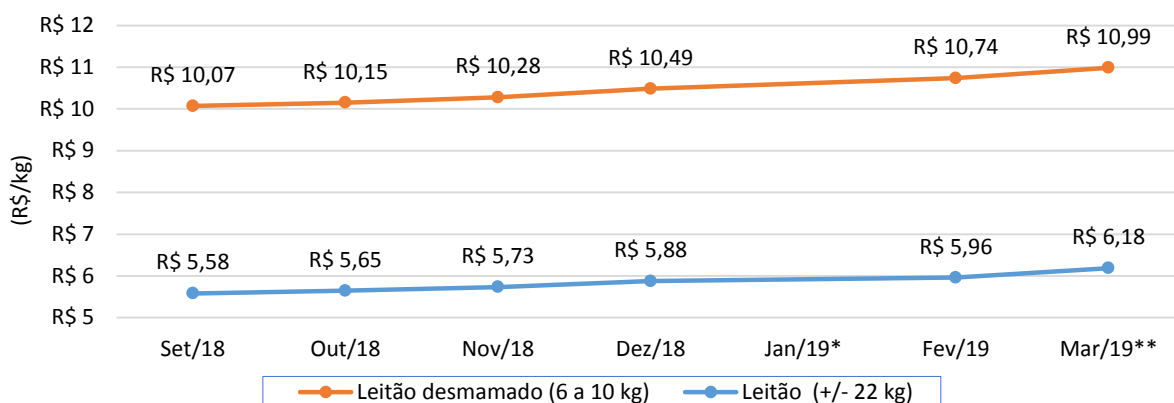


Segundo relatório publicado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, o ajuste entre oferta e demanda impactou de modo mais significativo no preço das carcaças e, posteriormente, no suíno vivo. Outro fator que contribuiu para a predominância de altas foi a recuperação das exportações em fevereiro e nas primeiras semanas de março, como veremos adiante.

Até meados de fevereiro, o preço do suíno vivo em Chapecó, praça de referência para esse produto em Santa Catarina, aparentava estabilidade em relação a dezembro. Contudo, na segunda quinzena do mês voltaram a ser registradas variações positivas, que fizeram com que a tendência de aumento iniciada no último trimestre de 2018 se mantivesse. Da mesma forma, os dados de março indicam a continuidade e intensificação desse movimento. Em relação a fevereiro, os preços preliminares de março apresentam variação de 4,93% para o produtor independente e de 4,91% para o integrado. Na comparação com março de 2018, o resultado é ainda mais positivo: aumento de 7,51% para os produtores independentes e 8,87% para os integrados. As razões para essa elevação nos preços são as mesmas já apontadas no parágrafo anterior, que analisa o cenário nacional: ajuste mais estreito entre oferta e demanda e crescimento das exportações.



Os preços dos leitões mantêm a trajetória de alta iniciada em meados do ano passado. Em relação a fevereiro, os preços preliminares de março cresceram 2,34% para os leitões de 6 a 10kg e 3,80% para os leitões na faixa dos 22kg. Na comparação com o mesmo mês de 2018, as diferenças são mais significativas: 7,97% e 11,66%, respectivamente.



* Valores não disponíveis para o mês de janeiro.

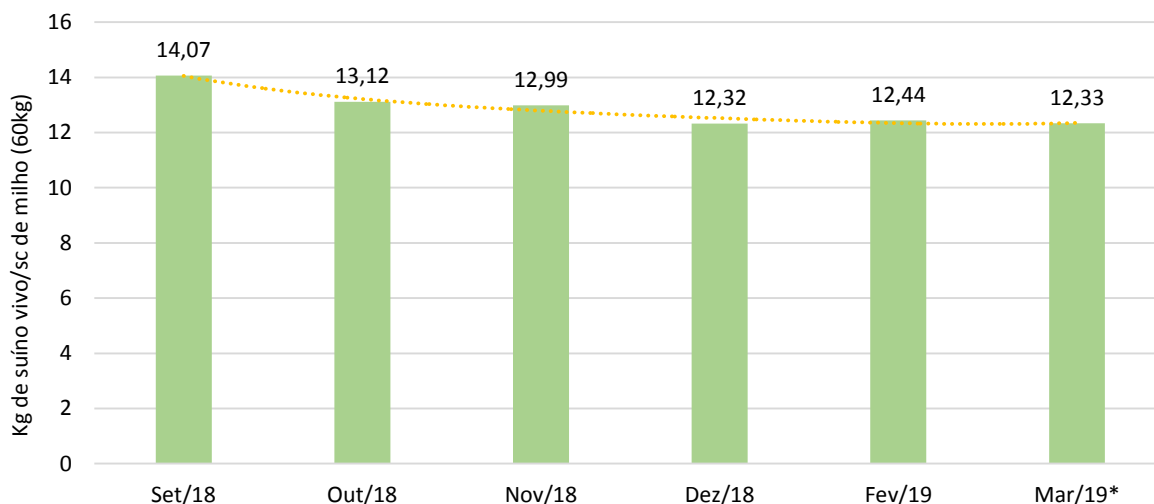
** Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/mar./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria – 2018/2019

Embora os preços do suíno vivo tenham apresentado crescimento bastante significativo no ano passado e em março deste ano, os custos de produção continuam preocupando os produtores. O Índice de Custos de Produção de Suínos (ICPSuíno), elaborado pela Embrapa Suínos e Aves, aponta que nos últimos 12 meses houve um aumento de 5,85% no custo de produção desses animais, impulsionado pela alimentação dos animais, que subiu 5,69% no período, puxada pela alta no preço do milho, principal componente das rações.

Não obstante uma pequena elevação no mês passado, a relação de equivalência insumo/produto mantém a tendência de queda observada desde outubro de 2018. O valor preliminar de março é 0,86% inferior ao de fevereiro. Esse resultado é decorrente do aumento de 3,71% no preço do suíno vivo, ante um aumento de 2,82% no preço do milho no atacado da região de Chapecó. O valor atual da relação de troca está 8,46% abaixo do registrado em março de 2018.



Para o cálculo da relação de equivalência insumo/produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro.

* O valor de março é preliminar, relativo ao período de 1 a 14/mar./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

Chapecó/SC – Quantidade necessária de suíno vivo para adquirir um saco de milho (60kg) – 2018/2019

De acordo com o 6º relatório de acompanhamento da safra brasileira de grãos, publicado no mês de março pela Conab, no ano agrícola 2018/2019 devem ser colhidas 92,81 milhões de toneladas de milho, incremento de 14,99% em relação a 2017/2018. A 1ª safra deve ser 2,24% menor que no ano anterior, sendo um dos fatores que explica as recentes altas no preço do milho. Já a 2ª safra deve superar a anterior em 23,56%, o que faz com que o setor de produção animal mantenha a perspectiva de queda no preço do grão e, por consequência, a redução nos custos de produção dos suínos.

Em Santa Catarina também se projeta aumento na produção de milho. De acordo com o levantamento realizado pela Epagri/Cepa, o total da safra 2018/2019 deve atingir 2,86 milhões de toneladas, um aumento de 11,23% na comparação com a anterior.

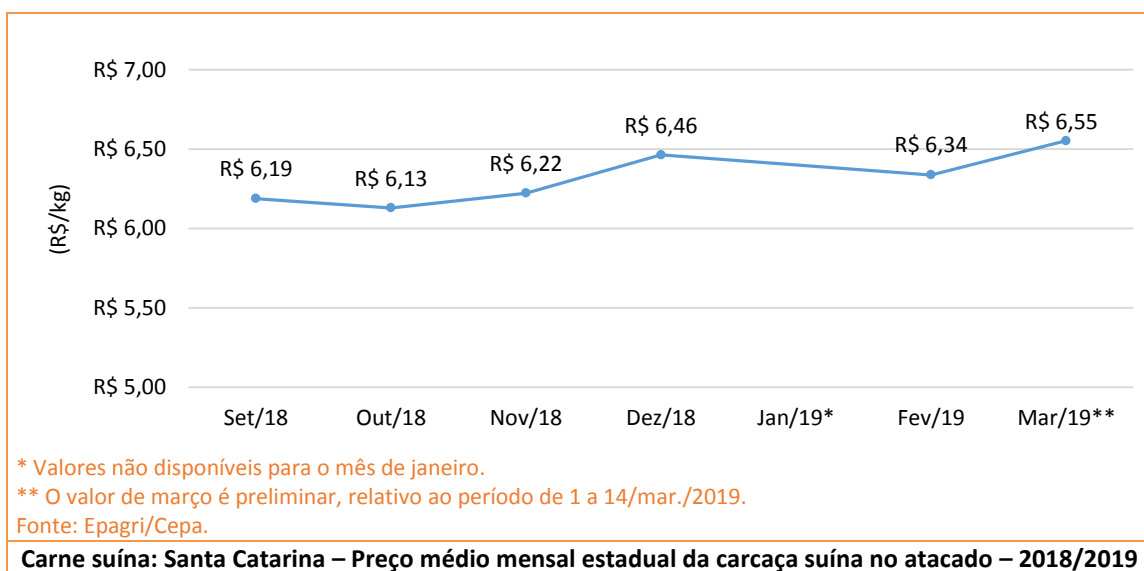
Os preços de atacado da carne suína demonstram distintos movimentos, de acordo com o tipo de corte, mas com predominância das variações negativas. Na comparação entre as médias de fevereiro e os valores preliminares de março, dois cortes apresentam altas: carcaça (3,39%) e costela (0,06%). Por outro lado, quedas são observadas no carré (-3,04%), pernil (-2,86%) e lombo (-0,60%). Na média, os cinco cortes registram variação de -0,61%.

Carne suína – Santa Catarina: preço médio estadual no atacado – 2018/2019 – (R\$)			
Produto	Dezembro/18	Fevereiro/19	Março/19⁽¹⁾
Carré (sem couro)	8,43	8,38	8,13
Costela (sem couro)	11,89	12,24	12,25
Lombo	11,16	11,20	11,13
Carcaça	6,46	6,34	6,55
Pernil (com osso e couro)	7,58	7,25	7,04

⁽¹⁾ Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/mar./2019.

Fonte: Epagri/Cepa.

O gráfico a seguir apresenta a evolução do preço médio estadual no atacado da carcaça suína durante o último quadrimestre de 2018 e primeiro trimestre de 2019.



Carne suína: Santa Catarina – Preço médio mensal estadual da carcaça suína no atacado – 2018/2019

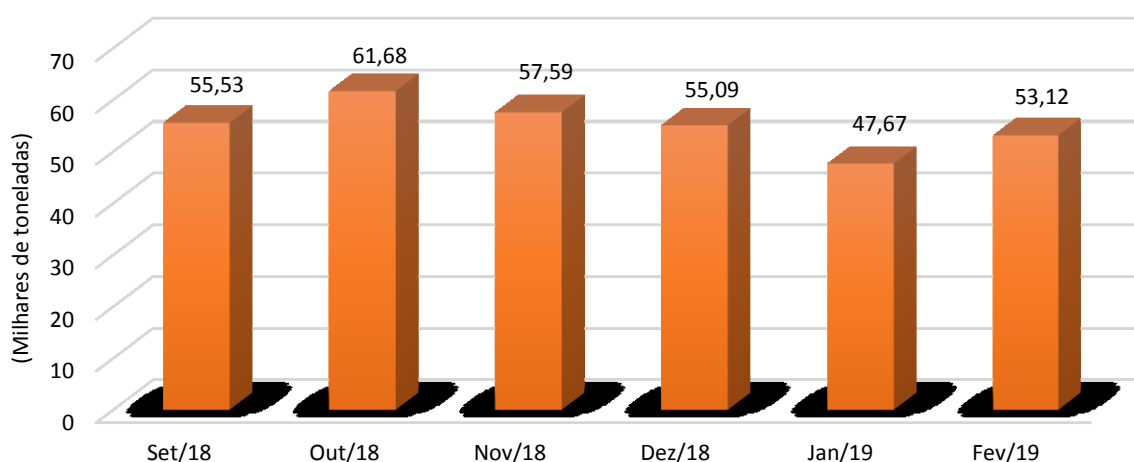
Diferentemente do que se observou em Santa Catarina, levantamento nacional realizado pela Associação Brasileira de Supermercados (Abbras) aponta que o preço do pernil suíno subiu 0,26% em janeiro, em relação ao mês anterior. Nos últimos 12 meses, a variação foi de 1,68%.

Ainda em relação aos preços, no início de março a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) divulgou os dados do índice da FAO que mede o preço global de carnes, o qual registrou queda de 4% em fevereiro, em relação ao mesmo mês do ano passado. Esse índice considera 27 cotações e

projeções de preços referentes aos valores globais para os quatro principais tipos de carnes (suínos, frangos, bovinos e ovelhas). Apesar da queda nos últimos 12 meses, em fevereiro registrou-se alta de 0,7% no índice, na comparação com janeiro, resultante principalmente dos aumentos nos preços de carne bovina e suína influenciados pela elevada demanda e oferta limitada desses produtos no mercado internacional. É provável que nos próximos meses também se observe predominância de altas no mercado atacadista brasileiro, como reflexo do cenário mundial.

Exportações

Após um trimestre de quedas, as exportações brasileiras de carne suína voltaram a apresentar resultados positivos. Em fevereiro foram exportadas **53,12 mil toneladas** desse produto, somando-se carne *in natura*, industrializada e miúdos, aumento de 11,42% em relação ao mês anterior. Na comparação com fevereiro de 2018, o crescimento é ainda mais expressivo: 20,33%.



Fonte: Comex Stat.

Carne suína – Brasil: exportações – 2018/2019

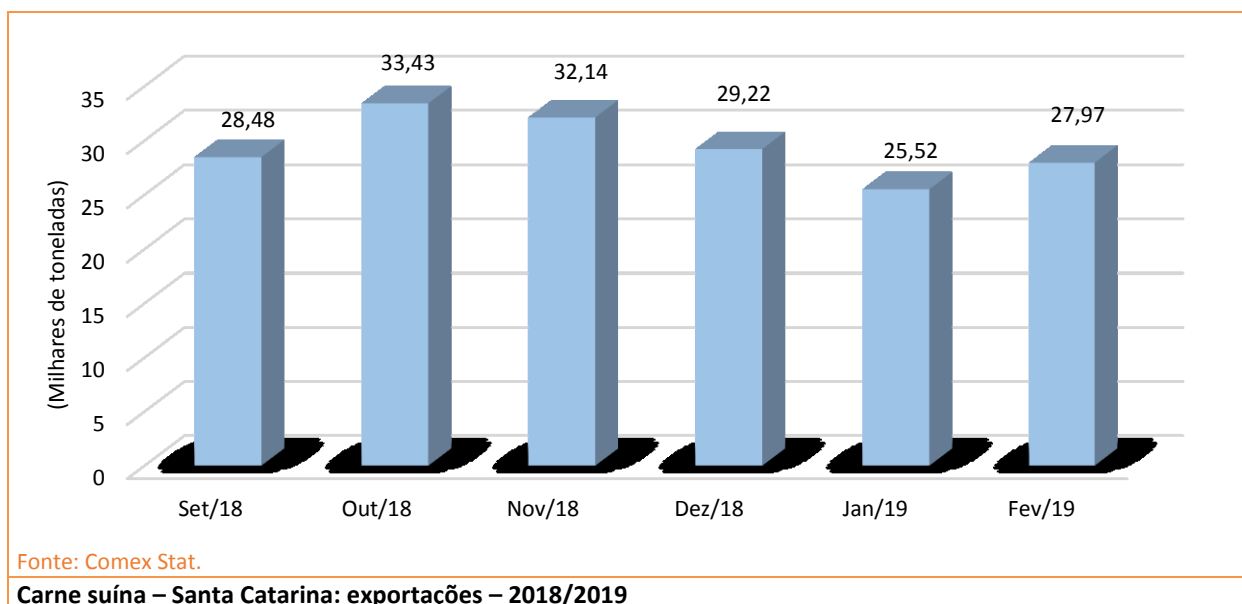
Assim como a quantidade, as receitas também apresentaram desempenho positivo no mês passado. Foram **US\$ 99,00 milhões**, valor 9,20% acima de janeiro e 7,48% superior a fevereiro de 2018.

Os cinco principais destinos da carne suína brasileira em fevereiro foram China, Hong Kong, Rússia, Cingapura e Uruguai, que responderam por 71,88% das receitas. China e Hong Kong representam 45,49% do valor exportado, enquanto a Rússia respondeu por 12,81%.

No total, o Brasil exportou 100,79 mil toneladas de carne suína ao longo do 1º bimestre, quantidade 3,29% superior ao que foi registrado no mesmo período de 2018. No que tange às receitas, o montante acumulado no ano é de US\$ 189,66 milhões, queda de 6,36%.

Segundo dados divulgados pelo Ministério da Economia, a média diária de embarques de carne suína *in natura* aumentou significativamente nas **duas primeiras semanas de março** (4 dias úteis), em relação ao mês anterior: **81,67%** em valor e **76,01%** em quantidade. Na comparação com março de 2018, os resultados também são fortemente positivos: crescimento de 67,91% em valor e de 72,92% em quantidade. Esse período coincidiu com o Carnaval, tendo sido contabilizados poucos dias úteis, o que pode ter influenciado os resultados. É necessário aguardar as próximas semanas para avaliar o real desempenho das exportações neste mês.

Assim como no cenário nacional, as exportações catarinenses de carne suína também apresentaram resultados positivos. Em fevereiro foram embarcadas **27,97 mil toneladas**, montante 9,60% superior àquele registrado no mês anterior. Em relação a fevereiro de 2018, o resultado é ainda mais positivo, com crescimento de 40%.



As receitas de fevereiro, por sua vez, foram de **US\$ 52,45 milhões**, aumento de 11,24% na comparação com o mês anterior e de 25,65% em relação a fevereiro de 2018.

Santa Catarina foi responsável por 52,65% da carne suína exportada pelo Brasil no mês passado, além de 52,97% das receitas geradas com esse produto.

No total, Santa Catarina exportou **53,48 mil** toneladas no 1º bimestre deste ano, gerando US\$ 99,59 milhões em divisas. Em relação ao mesmo período do ano passado, esse resultado é 7,07% superior em termos de valor e 18,93% em quantidade.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses em fevereiro foram responsáveis por 75,70% das receitas e 73,62% da quantidade embarcada.

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	19.901.346,00	9.895
Hong Kong	8.103.751,00	5.059
Chile	5.895.855,00	3.054
Argentina	3.372.706,00	1.465
Cingapura	2.430.024,00	1.116
Outros países	12.741.874,00	7.378
Total	52.445.556,00	27.967

Fonte: Comex Stat.

As exportações catarinenses para a China voltaram a apresentar resultados positivos, embora no acumulado do ano os números ainda sejam negativos, tanto em valor (-9,24%) quanto em quantidade (-5,77%). Dentre os dez principais destinos de fevereiro, chama atenção o crescimento dos embarques para Hong Kong, Cingapura, Uruguai e Angola, todos com variação acima de 100% em termos de quantidade. Também merece destaque o aumento impressionante de 1.415% nos embarques para os Estados Unidos em fevereiro, se tornando o 7º maior destino da carne suína do estado. Trata-se de um mercado dos mais exigentes e rigorosos do mundo, principalmente quando se trata de importações de proteínas de origem animal.

De forma geral, é possível concluir que os países sul-americanos têm sido importantes para garantir resultados favoráveis para Santa Catarina, pois Uruguai, Chile e Argentina têm apresentado crescimentos bastante significativos nos últimos meses.

Merece menção também a Rússia, que já ocupa a 6ª colocação no ranking de exportações, levando em consideração o acumulado do ano. Não obstante esse resultado, a recuperação dos embarques para aquele país deve ser lenta e ainda demorará algum tempo para que se atinja patamares próximos ao que se observava até 2017. Contudo, é possível que o Brasil não volte a exportar volumes tão significativos quanto antes, tendo em vista a estratégia russa de reduzir sua dependência externa.

Uma boa notícia em relação ao mercado internacional foi a habilitação de novas plantas frigoríficas brasileiras para a exportação de carne para a Coreia do Sul. No total são nove plantas, das quais cinco voltadas à produção de carne suína. Todas as unidades autorizadas a vender carne suína são de Santa Catarina – único fornecedor do Brasil ao país asiático.

Para finalizar, as perspectivas em relação às exportações de 2019 seguem favoráveis, principalmente por conta da queda na produção chinesa em decorrência do surto de peste suína africana que atinge aquele país. Embora não se saiba a real dimensão desse problema, analistas de mercado apontam que, além da carne suína, outras proteínas de origem animal podem se beneficiar dessa situação, como é o caso das carnes bovina e de frango.

Leite

Tabajara Marcondes
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

A retrospectiva histórica mostra que o Brasil aumentou substancialmente a sua produção leiteira e reduziu significativamente a dependência de importações para o abastecimento do mercado interno de lácteos. Contudo, a entrada de lácteos de diferentes origens segue sendo um tema sensível à cadeia leiteira nacional, sobretudo nos momentos de queda dos preços internos e/ou quando apresenta variações um pouco mais significativas, como está sendo o caso deste início de 2019, em que as importações do primeiro bimestre superaram em 58,8% às do mesmo período de 2018.

Lácteos – Brasil⁽¹⁾: importações de 2016 a 2019					
Mês	Tonelada				Variação % 2018-19
	2016	2017	2018	2019	
Janeiro	8.378	18.960	8.366	13.649	63,1
Fevereiro	7.523	16.312	10.332	16.046	55,3
1º Bimestre	15.901	35.272	18.698	29.695	58,8
Março	16.859	15.467	9.029		
Abril	21.185	13.536	11.965		
Maio	25.777	17.700	13.418		
Junho	25.191	17.338	11.077		
Julho	23.918	16.027	13.848		
Agosto	25.672	13.472	13.266		
Setembro	28.872	10.400	11.863		
Outubro	19.249	8.968	18.471		
Novembro	20.583	9.093	17.919		
Dezembro	19.360	9.057	10.285		
Total anual	242.567	166.330	149.839		

⁽¹⁾ Posição - SH 4 dígitos: 0401 a 0406.
 Fonte: <http://comexstat.mdic.gov.br>

Um aspecto adicional às tradicionais preocupações setoriais com as importações é o fato de o governo brasileiro não ter renovado a aplicação de direitos antidumping de 3,9% nas exportações da Nova Zelândia e de 14,8% nas exportações da União Europeia para o Brasil. Esses direitos vigoravam desde de 2001 e foram suspensos a partir de fevereiro deste ano (no Boletim Agropecuário Nº69 é possível ver mais detalhes sobre o tema).

Apesar dessa suspensão de direitos antidumping ser preocupante, não há relação disto com o recente crescimento das importações, que decorreu principalmente do aumento nas importações provenientes da Argentina e do Uruguai (Tabela abaixo). Destaca-se, também, que, embora maiores que as dos mesmos meses de 2018, as quantidades importadas nos dois primeiros meses deste ano sequer alcançam os patamares de alguns meses dos anos recentes, de maneira particular as quantidades importadas no período de abril de 2006 a janeiro de 2017 (Tabela acima).

Lácteos – Brasil⁽¹⁾: importações por origem - 2018 e 2019

Países	Toneladas						Variação %		
	2018			2019			2018-19		
	Jan.	Fev.	1º Bim.	Jan.	Fev.	1º Bim.	Jan.	Fev.	1º Bim.
Argentina	5.536	4.560	10.096	8.914	9.206	18.120	61,0	101,9	79,5
Uruguai	1.730	3.957	5.687	3.230	4.860	8.090	86,7	22,8	42,3
Nova Zelândia	118	120	238	595	410	1.005	404,2	241,7	322,3
Paraguai	0	200	200	250	625	875	-	212,5	337,5
Chile	450	600	1.050	100	300	400	-77,8	-50,0	-61,9
França	196	232	428	115	189	304	-41,3	-18,5	-29,0
Canadá	24	24	48	129	150	279	437,5	525,0	481,3
Outros	312	639	951	316	306	622	-	-52,1	-34,6
Total	8.366	10.332	18.698	13.649	16.046	29.695	63,1	55,3	58,8

⁽¹⁾ Posição - SH 4 dígitos: 0401 a 0406.

Fonte: <http://comexstat.mdic.gov.br>

Além de inferiores à de outros períodos, ainda não dá para afirmar que as importações desse início de ano estejam influenciando negativamente no comportamento dos preços internos, que mostraram tendência de recuperação, conforme indicado pelas duas primeiras reuniões de 2019 do Conseleite/SC e pelo levantamento da Epagri/Cepa, relativo aos preços recebidos pelos produtores de Santa Catarina.

No caso do Conseleite/SC, o movimento mais expressivo de recuperação de preço se deu na reunião do mês de fevereiro, que revisou para cima o preço projetado em janeiro e indicou aumento ainda mais sensível para o preço de fevereiro⁹.

Leite padrão¹⁰ – Santa Catarina: preços de referência do Conseleite - 2016-19

Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural incluso				Variação %2018-19
	2016	2017	2018	2019	
Janeiro	0,9546	1,0783	0,9695	1,1659	20,3
Fevereiro	1,0154	1,1096	1,0128	1,2280	21,2
Março	1,0652	1,1412	1,0857		
Abril	1,1166	1,1693	1,1295		
Mai	1,1430	1,1733	1,1522		
Junho	1,3363	1,1394	1,3454		
Julho	1,5500	1,0617	1,4050		
Agosto	1,3248	1,0189	1,2997		
Setembro	1,1051	0,9374	1,2582		
Outubro	1,0461	0,9550	1,2351		
Novembro	0,9993	0,9977	1,1358		
Dezembro	1,0333	0,9788	1,1228		
Média	1,1408	1,0634	1,1793		

Fevereiro/2019: Valor projetado

Fonte: Conseleite/SC.

⁹ O preço de referência do mês serve de base para o valor que será pago no mês seguinte aos produtores. Portanto, o preço de fevereiro serve de base para os preços que os produtores estão recebendo neste mês de março, que remunera o leite entregue às indústrias em fevereiro.

¹⁰ O leite padrão contém entre 3,50 e 3,59% de gordura, entre 3,11 e 3,15% de proteína, entre 450 e 499 mil células somáticas/ml e 251 a 300 mil ufc/ml de contagem bacteriana.

No caso do levantamento da Epagri/Cepa, mesmo com variações importantes entre as regiões do estado, confirma-se que os preços médios recebidos pelos produtores em fevereiro foram sensivelmente melhores que os de janeiro. Ainda não é possível calcular o preço médio de março, porque os dados não estão disponíveis para todas as regiões produtoras, mas naquelas em que o preço já foi levantado são observados novos e sensíveis aumentos.

Leite – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ aos produtores – 2016-19					
Mês	R\$/l posto na propriedade				Varição %
	2016	2017	2018	2019	2018-19
Janeiro	0,91	1,10	0,94	1,10	17,0
Fevereiro	0,95	1,20	0,94	1,17	25,0
Março	1,02	1,25	0,96		
Abril	1,07	1,28	1,01		
Maiο	1,11	1,29	1,09		
Junho	1,19	1,29	1,14		
Julho	1,29	1,25	1,30		
Agosto	1,52	1,13	1,35		
Setembro	1,41	0,99	1,31		
Outubro	1,24	0,91	1,28		
Novembro	1,10	0,92	1,24		
Dezembro	1,08	0,95	1,11		
Média anual	1,16	1,13	1,14		

⁽¹⁾ Preço médio mais comum no período de pagamento.

Fonte: Epagri/Cepa.

A próxima reunião do Conseleite/SC acontecerá no dia 21 de março. Considerando estarmos no período de menor oferta nacional de leite, a expectativa é de que os preços de referência sigam em elevação. Para tanto, o mercado atacadista e varejista necessita absorver sem dificuldades os atuais níveis de preços. Contudo, mesmo com o decréscimo da oferta interna, já existem indicações de que o varejo começou a pressionar indústrias para reduzir os atuais preços de alguns lácteos, principalmente produtos de maior consumo, como o leite UHT e alguns queijos. A provável intensificação desse movimento do varejo e o eventual acirramento concorrencial entre as indústrias implicará em perda de fôlego na recuperação dos preços.